



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**FRANCISCO GABRIEL SILVEIRA FERREIRA**

**A EDUCAÇÃO SOCIAL E A REAPODERE NA COMUNIDADE DA ESTRADA  
VELHA, ACARAPE – CE: uma análise crítica**

Redenção - Ceará  
2020

FRANCISCO GABRIEL SILVEIRA FERREIRA

**A EDUCAÇÃO SOCIAL E A REAPODERE NA COMUNIDADE DA ESTRADA  
VELHA, ACARAPE – CE: uma análise crítica**

Monografia apresentada na Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das  
exigências para a obtenção do título de licenciado em  
Pedagogia.

Prof<sup>a</sup>, Dr<sup>a</sup> Rosangela Ribeiro da Silva

Redenção – Ceará  
2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Ferreira, Francisco Gabriel Silveira.

F439e

A educação social e a Reapodere na comunidade da Estrada Velha, Acarape - CE: uma análise crítica / Francisco Gabriel Silveira Ferreira. - Redenção, 2020.  
67f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva.

1. Educação. 2. Crianças socialmente excluídas - Educação. 3. Extensão universitária - Ceará. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370

---

**FRANCISCO GABRIEL SILVEIRA FERREIRA**

**A EDUCAÇÃO SOCIAL E A REAPODERE NA COMUNIDADE DA ESTRADA  
VELHA, ACARAPE – CE: uma análise crítica.**

Monografia apresentada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 29/10/2020

**BANCA EXAMINADORA**

*Rosângela Ribeiro da Silva*

---

**Prof.ª Dr.ª Rosângela Ribeiro da Silva (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

*Fatima Araújo Bertini*

---

**Prof.ª Dr.ª Fatima Maria Araújo Bertini**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

*James Ferreira Moura Junior*

---

**Prof. Dr. James Ferreira Moura Junior**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

*José Derivaldo Gomes dos Santos*

---

**Prof. Dr. José Derivaldo Gomes dos Santos**

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

## AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo primeiramente a Deus, por ter me dado forças para persistir no curso e não desistir dos meus sonhos.

Segundamente, quero agradecer a minha família, especialmente minha mãe BD e minha avó Tonha, que mesmo de longe não desistiram de mim e sempre me deram forças para enfrentar as inúmeras barreiras que são colocadas constantemente no meu caminho. Posso afirmar com toda a certeza desse mundo que sem eu não seria essa pessoa que hoje!

Quero agradecer também a minha família paterna que me acolheu e que me viu crescer durante todos esses anos, essa monografia também é em agradecimentos a vocês: meu avô João Lagoa, minha segunda mãe Neguinha, meus primos Raiane e Ronaldo, minhas tias Boneca e Meury e por último e mais importante, minha mãezinha Mazé que partiu sem ver seu neto se tornar PROFESSOR.

Quero agradecer aos meus grandes amigos que estão sempre comigo nas tristezas, nas loucuras e nas alegrias, aqueles a qual me acolheram tão bem e me fizeram entender que família a gente também escolhe, isso tudo também é de vocês, minha companheira de farra Alana Katrine, minha amiga de infância Ednara Maria, ao meu xôdo e grande paixão Maria Tereza, ao meu querubim Jessi Kelly e Ethan, a minha futura prefeita de Acarape Livya Bomfim e minha confidente Gerlânia Nogueira, dentro outros, que não posso falar, pois tomariam todo espaço dos agradecimentos.

Quero agradecer aos amigos que encontrei nessa jornada na universidade e que espero levar para toda vida: Karol Viana, Pedro Bruno, Brena Costa, Natalia Oliveira, Erika Ferreira, Paula Fagyane, Dayane Moreira, Lya de Aquino, Jéssyca Lima (minha melhor dupla do PIBID), Jhonata, Stefanny, as ANIÊRAS, e vários outros que marcaram minha trajetória na UNILAB, se sintam contemplados.

Quero agradecer aos meus companheiros de trabalho do Terto Venâncio e Maria Bessa e meu ex grupo de ensino, pesquisa e extensão reaPODERE que construíram essa persona profissional que sou hoje.

E quero agradecer ao monumento mais icônico da minha vida, que acreditou em mim e me deu várias broncas nessa jornada acadêmica, Rosangela Ribeiro da Silva, a orientadora mais babadeira e uma mãe acadêmica que quero levar por toda vida. Essa monografia é nossa!

## **RESUMO:**

Este trabalho pretende dar continuidade a uma ramificação da proposta apresentada no primeiro ciclo da graduação no Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, tendo como objetivo investigar as contribuições das atividades socioeducativas da reaPODERE com crianças em situação de pobreza na comunidade da Estrada Velha, Acarape, Ceará, no intuito de conhecer e evidenciar os aportes teóricos e metodológicos utilizados o referido projeto a fim de analisar o processo de aplicação das ações na comunidade. Desta forma, utilizamos dos métodos qualitativos de investigação através de grupo focal na qual participaram 5 de 8 participantes que estavam atuando na Frente das Crianças no momento da pesquisa. A base teórica vinca em uma perspectiva crítica para o entendimento inicial sobre as questões de pobreza a partir da Lei da Acumulação Geral do Capital (Marx), buscando explicações a partir da expansão do capitalismo na Inglaterra no século XIX, e nos estudos de Edlene Pimentel (2012), para então analisarmos esse fenômeno através de alguns marcadores sociais que se apresentam como alternativas à situação de pobreza, principalmente pela educação. Focamos um olhar sobre as infâncias que se encontram na linha da pobreza ou na extrema pobreza, pois além de estarem privadas de direitos básicos, ainda não são reconhecidas pela sua condição social. O acesso à educação escolar para crianças e jovens pobres vem sendo cada vez mais articulada à chamada ferramenta teórico-metodológica, técnico-operativo e político-pedagógico, intitulada de socioeducação, no intuito de complementar a formação do indivíduo, e vem sendo apropriada por diversas entidades, e para a Universidade, através da extensão, configura-se como uma das apostas na promoção de uma educação que possibilita o desenvolvimento da consciência crítica através de atividades socioeducativas. Pela análise de dados captadas pelo grupo focal, foi possível aferir que a extensão socioeducativa da reaPODERE configura-se como o desenvolvimento de atividades que articulam universidade-comunidade a fim de propor reflexões críticas da realidade e potencializar o protagonismo de crianças levando em conta seus marcadores e contextos sociais que se articulam com outras entidades como alternativas à pobreza através de elementos da cultura, o entendimento de si e das emoções.

**Palavras-chaves:** Educação. Pobreza. Socioeducação. reaPODERE.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. A POBREZA E A ASSISTÊNCIA AOS POBRES: alguns fundamentos históricos .....	10
2.1. A PRODUÇÃO DO CAPITAL E A GERAÇÃO DA POBREZA: marcos históricos 11	
2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA POBREZA NOS ESTUDOS DO SÉCULO XXI E A ASSISTÊNCIA .....	15
3. EDUCAÇÃO E A SOCIOEDUCAÇÃO. ....	19
3.1. INFANCIA E POBREZA: UM PROBLEMA QUE REFLETE NA EDUCAÇÃO .	19
3.2. EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS POBRES .....	22
3.3. A SOCIOEDUCAÇÃO: UMA RESPOSTA PARA A QUESTÃO SOCIAL? .....	26
4. A SOCIOEDUCAÇÃO DA REAPODERE: a inserção da Unilab na comunidade de Acarape/Ce. ....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	49

## 1. INTRODUÇÃO

O presente escrito dará continuidade ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “modos de vidas e resistências de crianças em situação de pobreza na comunidade de Estrada Velha, Acarape-CE” da qual obtive o atributo de Bacharel em Humanidades, vinculado à Rede de Estudos e Afrontamentos das Discriminações, Pobrezas e Resistência (reaPODERE<sup>1</sup>). Como estou em um curso de licenciatura plena em Pedagogia, tentarei retomar a essa ideia agora no intuito de compreender como é realizado esse trabalho socioeducativo com as crianças da comunidade da Estrada Velha, e se essas ações se configuram pedagógicas, podendo ser utilizadas no processo ensino aprendizagem no âmbito escolar. Isso, tomando como perspectiva que dependendo do modo de pensar a rede e a extensão implicará totalmente no planejamento, organização e na sua atuação.

Desta forma, essa proposta de pesquisa vinculou-se novamente à reaPODERE buscando entender sua prática através dos seus aportes teóricos e metodológicos, compreendendo seu trabalho no enfrentamento da pobreza e na possibilidade de criação de novas resistências. Ansara e Dantas (2010) afirmam que o trabalho com comunidade gera uma ansiedade e angústia aos profissionais que trabalham com esse tipo de público, pois o material teórico-metodológico nessa área se encontra um pouco escasso. Tendo isso como questão central desta pesquisa, podemos evidenciar o que a rede faz na comunidade, além de elevar o conceito dessa atuação.

O interesse de estudar a temática veio em torno da minha experiência dentro da rede, a qual fui um dos extensionistas que pensou que era pertinente ter uma ramificação centrada somente na atuação junto com as crianças da comunidade da Estrada Velha, Acarape – CE. Percebi que precisamos evidenciar um trabalho que é planejado com afeto e compromisso com a extensão para além dos muros da universidade, em uma perspectiva social e comunitária. Para além desse interesse pessoal, acredito que essa sistematização de conteúdo irá ajudar no

---

<sup>1</sup>Grupo que origem na UNILAB -Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – que se intitula como reaPODERE – Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistência- que tem como coordenação do professor doutor James Ferreira Moura Junior desde 2016 atuando inicialmente na pesquisa com a investigação do “Trabalho infantil e suas estratégias de enfrentamento: reflexões sobre pobreza e políticas públicas no Maciço de Baturité” e extensão “Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e Trabalho Infantil: uma proposta de intervenção comunitária interdisciplinar”. De lá pra cá ampliaram a rede tanto em questões de integrantes como temáticas e eixos. Hoje se contabiliza mais de dez bolsistas que atuam em diferentes “Frentes”, nome designado para as ramificações de ação desenvolvidos por eles e elas, a qual recebem nome como Frente das Crianças, Frente da Pesquisa, Frente Centro Comunitário, Frente do Grupos de Estudos, além de comissões que atuando na seleção de novos integrantes, na produção acadêmica dos resultados adquiridos ao longo da realização das coletas de dados, entre outras preocupações a qual circundam a rede. Está comprometida com o tripé universitário que é o ensino, pesquisa e extensão em uma abordagem interseccional e decolonial



conhecimento da comunidade no seu processo de construção de resistência, como também de evidenciar o trabalho socioeducativo com engajamento na possibilidade de melhorar a vida de crianças que vivem em situação de pobreza. Visto que desta maneira, através dessa atuação, poderemos ver formas de resistência e como fazem para que indivíduos se deem conta da realidade da situação de pobreza na qual é inserido e a partir disso faça com que entre em um movimento de enfrentamento e de transformação social dos estigmas, processos discriminatórios e violência, após sua tomada de consciência de opressão (MOURA JR; SARRIERA, 2016).

No mundo acadêmico essa produção poderá auxiliar na visibilidade do que está sendo efetuado e fazer com que outras pessoas que tem a mesma linha de atuação possa se espelhar e deixar-se ser guiada por esse escrito. Ajudará também na construção de novas pesquisas e projetos de extensão no que tange essa temática dentro da universidade e fora dela, pois como vivemos em uma região que existem muitas comunidades em situação de pobreza temos o dever social de facilitar na transformação social dessas realidades.

A temática foi pensada com base na minha experiência como ex-integrante dessa rede, na qual atuei em uma inserção comunitária em uma comunidade que fica localizada as margens da universidade campus Palmares na cidade de Acarape – Ceará, a Estrada Velha. A rede atua mais efetivamente na comunidade desde outubro de 2017 com atividades que inicialmente partem das brincadeiras tradicionais como trancilim<sup>2</sup>, pega-pega, entre outras, mas que no decorrer do tempo, visto a proposta da rede e a Frente das Crianças<sup>3</sup>, foi mudado o objetivo do grupo para atividades de cunho socioeducativo. Inicialmente, houve uma dificuldade de como tratar esse tema pelo pouco contato com essa proposta, mas que aos poucos foram se aprimorando e se apropriando da temática. Nesse processo de rememoração como egresso da rede, lembro-me que tínhamos uma certa dificuldade de montar os temas geradores dos encontros e como se trabalhar com as crianças, pois se tratava de um grupo multiseriado, ou seja, as crianças apresentavam uma diversidade de idade, variando dos 3 até os 13 anos de idade, em sua maioria meninas, além do pouco contato com a temática com atividades socioeducativas. Com esse distanciamento muita coisa aconteceu na reaPODERE, uma delas foi a expansão e desenvolvimento da rede, então percebi a necessidade de colocar em evidência o trabalho que atualmente é desempenhado dentro da comunidade.

---

<sup>2</sup> Brincadeira que o principal meio de brincar é feito com o elástico, onde em cada ponta do elástico envolvem os participantes para que possam pular para dentro e fora de acordo com a música cantada.

<sup>3</sup> Nome designado ao grupo que fica responsável por produzir e planejar as atividades que aconteciam com as crianças na comunidade da Estrada Velha

Tendo como problemática entender como é o processo de organização da própria frente em relação as atividades das crianças esse trabalho tem como intuito responder a seguinte pergunta: Como a rede proporciona atividades formadoras para que crianças sejam capazes de enfrentamento à situação de pobreza através das resistências<sup>4</sup>? Assim, este escrito analisa o trabalho que está sendo realizado atualmente pelos integrantes e a prática socioeducativa para então ilustrar como o trabalho em questão pode ganhar maior proporção a partir deste estudo, ilustrando, outrossim, sua proposta, possibilitando até para futuras formações de grupo de crianças em outras comunidades em situação de pobreza, trazendo motivações e temáticas pertinentes. Diante disso, o objetivo dessa monografia é investigar os aportes teóricos da educação social e a relação com as atividades da reaPODERE com crianças em situação de pobreza na comunidade da Estrada Velha, Acarape, Ceará no intuito de conhecer e analisar a prática da mesma na comunidade.

Utilizamos dos métodos qualitativos de investigação, que segundo Creswell (2010), tem como fundamentos a interpretação de entrevistas, textos e documentos, em uma análise rigorosa das informações, visto que, estamos lidando com pessoas precisamos de um olhar mais crítico em sua atuação e na utilização de teorias e metodologias. Assim, de acordo com sua lista de características qualitativas a serem tomadas para uma efetivação da coleta de dados, percebem-se várias perspectivas, dentre elas, quero priorizar a participatória e autorreflexivas. Segundo as perspectivas de Creswell (2010), esse tipo de estratégia de investigação nos permite aprofundar detalhes sobre as pessoas, no caso o trabalho da reaPODERE a partir dos integrantes, o local e as experiências. Isso nos possibilita um domínio sobre os fatos a qual queremos perceber, mas sempre de forma aberta as novas informações.

Com a postura de Creswell (2010) foi possível através de uma Lente Teórica buscar várias formas de fazer a coleta de dados, sejam por meio de uma longa busca por documentos, artigos, dissertações que se encaixem com o tema e objeto estudado, em um aprofundamento das técnicas utilizadas em investigações anteriores sobre a pobreza e prática socioeducativas.

A técnica que utilizamos nessa investigação foi grupos focal, que segundo Flick (2013) são grupos de discussão sobre uma temática ou pergunta provocativa, que pode ser um grupo homogêneo, no caso, que tiveram ligação com a reaPODERE e mais especificamente na Frente das Crianças, para entender o seu processo histórico de quem são, porque entraram na rede, mais especificamente nessa ramificação, como atuaram até o momento, como veem as crianças

---

<sup>4</sup> Segundo Sawaia (2014) entendemos como resistência como uma ação coletiva tem como ponto principal a promoção de uma realidade social mais justa e com produtos de igualdade para a população. Moura Jr fala em uma perspectiva de mudança social a partir da tomada de consciência, ocasionando a transformação social.

e a pobreza. Então foi a maneira a qual utilizamos para compreendermos essas dimensões propostas. Assim, também foi realizado a transcrição e separação das principais informações em tabelas para que pudéssemos ter maior dimensão das reflexões dadas através da conversa.

Portanto, nas duas primeiras partes do trabalho foi possível através da revisão bibliográfica, perceber como é escassa a produção voltada para o campo social, mais especificamente no campo de práticas socioeducativas com pessoas que estão em situação de pobreza, talvez, por essa categoria ter assumido outras denominações e significados. Assim, no primeiro momento discutimos, brevemente, o processo de acumulação capital e seus efeitos na intensificação da pobreza, principalmente, em seguida, dialogamos como ela se apresenta hoje nos diversos marcadores que se evidenciam nos indivíduos no atual contexto. No segundo momento, foi possível sistematizar e entrelaçar os conceitos de infância pobre a qual implica diretamente na promoção da educação e a socioeducação como uma possível resposta para a questão social.

Nosso terceiro momento, apresentamos os resultados que foram possíveis sistematizar para entendermos como é as atividades da reaPODERE como alternativa à pobreza. Portanto, esse trabalho tem o propósito de demonstrar e analisar as literaturas sobre a temática e produzir um material que corresponde ao trabalho da rede, em seus processos teórico e metodológico que já acontece acerca a mais de dois anos na comunidade da Estrada Velha, Acarape – CE. Para isso, foi realizado um grupo focal para mapear o processo histórico da rede, buscando entender qual seu sentido para os atuais integrantes e sua motivação para estarem nessa frente, assim descrevendo o que já foi feito e o porquê de sua seleção.

## **2. A POBREZA E A ASSISTÊNCIA AOS POBRES: alguns fundamentos históricos**

Aqui trataremos o fenômeno da pobreza como um dos grandes indicadores para a existência e criação da socioeducação, haja vista a proposta de recuperação ou ação preventiva para crianças e adolescentes que vivem em zonas pobres das cidades e de grandes centros urbanos. Mas já salientamos a pobreza, segundo SILVA (2003), não tem um conceito homogêneo, objetivo e universal, assim, dependendo da época, da região o seu conceito pode mudar, mas, aqui, adotamos a definição do termo pobreza como “representações dominantes e contraditórias em confronto, numa dada sociedade, num determinado momento histórico” (SILVA, 2003, p.9).

Para iniciarmos esse capítulo, cito Pimentel (2012), que traz à tona o debate de quem deverá se responsabilizar pela população que aos poucos perde sua identidade de pessoa e condição de existência por conta da exploração operária e a miséria ocasionada pelo capital. Assim, abrimos o capítulo com as seguintes reflexões: a “quem compete essa resolução? aos indivíduos ou a sociedade? é de caráter público ou caráter privado?” (PIMENTEL, 2012). Retornamos ao escrito de Silva (2003), que trata das várias abordagens de explicação da pobreza em nível mundial. Dentre eles destacamos:

1) abordagens culturalistas: defende a pobreza por questões internas e enquadra o indivíduo pobre como ser inferior e diferente, idealizando que sua origem, ações e atitudes são repassadas de geração em geração;

2) abordagens liberais/neoliberais: identificam as causas da pobreza no próprio indivíduo, pela baixa produtividade. As necessidades dessa abordagem circundam em torno de questões econômicas e sociais, não acredita na transferência de renda e na interferência do Estado, pois segundo essa corrente, o Estado atrapalha a ordem do mercado e aposta que para o enfrentamento da pobreza se dá pela força de trabalho e pelo crescimento econômico do país;

3) abordagens enquanto fenômeno multidimensional e relativo: como já destacado, se trata de um fenômeno complexo, tem uma abordagem global de pretensão universal e é explicado através de tipologias, defende que a pobreza é heterogênea, portanto, cada território em determinado tempo histórico precisa ser assinalada para saber que tipo de pobreza estamos

tratando, mas define critérios mínimos para representar um indivíduo que se encontra na pobreza pela população e poder público;

4) abordagens estruturalistas: essa abordagem vai ser explanada mais adiante, portanto, trata-se de fatores externos, que possuem sua própria lógica e que influencia os indivíduos por fatores internos, tem como base a teoria marxista e acumulação do capital como base explicativa para questão da pobreza e pauperismo.

## **2.1. A PRODUÇÃO DO CAPITAL E A GERAÇÃO DA POBREZA: marcos históricos**

Para testarmos essa premissa, primeiramente, citamos Pimentel (2012), que em seu livro trata sobre a Questão Social<sup>5</sup> de trabalhadores que vivenciam no sistema capitalista o pauperismo<sup>6</sup> causado pela era da industrialização dos centros urbanos na Inglaterra na busca crescente pelo capital no século XIX. É importante destacar que o capital vivenciava sua fase de expansão. A autora traz a leitura de Marx sobre Lei da Acumulação do Capital, através de uma visão antagônica, das várias facetas do sistema capitalista e do capital como um dos principais indicadores para acumulação da miséria dos trabalhadores ativos e desempregados desse momento da história. Segundo Silva (2003), essa abordagem pertence ao viés estruturalista, ou seja, existem amarras externas, que possuem sua própria lógica, sendo determinante para explicação da reprodução da pobreza por fatores internos do sujeito, que influenciam o pobre a ter determinados comportamentos, sendo por consequência e não por causa. As autoras debatem a questão da pobreza e do pauperismo sob a lógica do capital. Nas palavras de Silva (2003):

A tese que situa a causa da pobreza nas determinações estruturais ressalta que os pobres são, parcial ou definitivamente, descartados do mercado de trabalho e das instituições oficiais não porque se desinteressem dos valores da sociedade global, mas por deficiência de renda estável, de poder e de instrução que lhe impedem a promoção social, condenando-os a viver num quadro cultural no limite da exclusão (SILVA, 2003, p.12)

---

<sup>5</sup> “Questão social é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado” (PIMENTAL, 2012, p.13)

<sup>6</sup> Pauperismo, segundo Pimentel (2012), trata-se da extrema pobreza e miséria gerada pelas condições que trabalhadores vivenciaram e vivenciam capitalismo, ou seja, pelo trabalho precário causado pela exploração da força.

Vimos então que a Lei Geral de Acumulação do Capital tem grande impacto na geração de capital e acumulação de miséria, visto que ela colide diretamente no destino da classe trabalhadora em sua forma de trabalho, produção e procura por trabalhadores. A acumulação do capital é vista como multiplicação do proletariado, em um olhar capitalista, alienado e cômodo. Pensar no capitalismo, é enxergar que quanto mais o país/indústria for rico, mais proletariado ele tem, portanto, torna-se algo de importância para todos, mas esse sistema somente funciona quando não há interferências de terceiros como crises e diminuição da acumulação. Essa visão chega a ser semelhante a que Silva (2003) tenta explicar sobre as abordagens liberais e neoliberais, que culpabiliza o trabalhador pela exploração e o mercado de trabalho como formador da sociedade.

Esta forma de organização social nos remete ao pensamento de que a lógica de uma sociedade que produz riqueza pelo trabalho humano seria a que quanto mais produzir, retornaria mais-valia para o operário e para o empregador, que geraria mais capital, que resultaria em mais acumulação, aumento de salário e mais procura por trabalhadores, porém, o que ocorre é produção de mais-valia não paga, expansão do número de operários, quando em época de expansão do capital, mas sem aumento salarial e mais pressão na produção de mercadorias (alvo dos capitalistas) para ser circulada. Então acontece o seguinte: ou o preço do trabalho continua a se elevar, porque sua elevação não perturba o progresso da acumulação ou ela afrouxa e embota. Nas palavras da autora (2012):

[...] Num modo de produção em que a condição de existência do trabalho só adquire sentido se for para atender às necessidades de valorização de valores reais, ou seja, da riqueza objetiva e não para suprir as necessidades de desenvolvimento do trabalhador, certamente não era de se esperar que ocorresse de forma diferente (PIMENTEL, 2012, p.23).

Percebemos aqui, que o mais coerente seria que a elevação salarial se daria de acordo com acumulação de capital e a velocidade de crescimento, mas não isso ocorre, pois como já citado anteriormente, o capitalista (o dono dos meios de produção) só foca na mercadoria, na obtenção de lucros e não o bem estar do trabalhador. Assim, entra um fator importante, que é a produtividade social do trabalho, que é vista pelo volume de mercadorias que um trabalhador pode produzir em um dado tempo, pois é ele, o elemento indispensável para acumulação. Desta forma, bolam métodos de melhorar essa produtividade e aumentar a mais-valia e a mais-produção.

Continuando, existe duas variantes importantes na procura por trabalhadores e diminuição/estagnação de seu salário, que influencia intrinsecamente no aumento do pauperismo. A primeira delas é a concorrência, que gera o barateamento das mercadorias, fazendo-o trabalhar mais por menos; e o crédito, que é a geração do capital adicional, que faz com que indústrias as procurem para obtenção de mais meios de produção tornando o trabalho dos operários fatigante, sem criatividade, tornando o trabalhador, a trabalhadora tão somente um/uma manuseador/a desse equipamento. Essa lógica faz parte do que chama de centralização, onde segundo Pimentel (2012), define como a luta pela dominação do capital e dos meios de produção, e para que isso ocorra, o capitalista, tem de recorrer aos diferentes meios para acumulação do capital. Então vimos que ocorre o seguinte: a um investimento nos meios de produção que substitua o trabalhador por máquinas, transformando-o em um mero manuseador de equipamento, em consequência a esse fator, tem-se a baixa procura por trabalhadores, pois traria gastos, e como não ele não desempenho sua função de produzir a mercadoria acabam virando somente os peões do capital, ocorrendo então a desvalorização da sua mão de obra.

Como isso não sendo o suficiente, existe um outro processo na lógica da acumulação do capital que gera mais desumanização: é a criação de uma superpopulação relativa e o exército industrial de reserva, pois como bem assevera Pimentel (2012), o capital variável, que é o valor da força de trabalho, o que paga o trabalhador, não alcança o número do crescimento global, ou seja, o número de trabalhadores cresce, mas não existem ocupações e capital variável suficiente para abarcar essa população. Só existe quando o capitalista acumula o capital necessário para emprego de mais operários ou quando existe uma mudança na composição orgânica do capital, no caso com a incrementação do capital adicional, que mudaria o necessário de indústrias antigas para produção adicional.

Então o que acontece é a “liberação” do trabalhador ocupado, ocorrido com o desgaste pela grande exploração de sua força de trabalho, vítimas de acidentes e pelo avanço da idade, acarretando em contratação de operários da reserva por um valor bem menor, pois como há essa necessidade do emprego, acabam optando esse tipo de trabalho pela sobrevivência. Quando não há essa incrementação ocorre o seguinte: “habilita o capitalista colocar em ação, com o mesmo dispêndio de capital variável, muito mais trabalho através das forças de trabalho individuais, seja de modo extensivo ou intensivo” (PIMENTEL, 2012, p.35), ou seja, destinada um valor único para contratação e extensão de funcionários na indústria.

Pimentel (2012), após trazer à tona esses três métodos de acumulação capitalista, ela também retrata os diferentes tipos de superpopulação gerada por esse sistema de busca desenfreada do capital. O primeiro deles é superpopulação fluente: aquele que cresce junto com a indústria; o segundo é a latente, que são aqueles que tem que sair da sua ocupação e procurar outros meios de subsistir, pois sua função não é mais válida, é inútil, e o exemplo para esse tipo de superpopulação latente é a ocupação de agricultores, os mais afetados pela pauperismo, pois com a chegada da indústria seu trabalho foi substituído por máquinas. Pimentel (2012), assegura que dentro desse público, crianças e mulheres, são os mais afetados, por conta que o homem ainda tem de comer para trabalhar. O terceiro tipo de superpopulação é a estagnada, na qual os trabalhadores ativos vivem em ocupações irregulares, ficando abaixado do nível normal de trabalhadores, sendo geralmente do grupo de reserva do exército industrial.

Com o fenômeno da centralização e a liberação de trabalhadores ativos em troca da superpopulação estagnada, essa massa operária existe sob as mínimas condições de subsistência, com baixíssimos salários, causando até um maior número de óbitos e nascimento. Desta forma, todo o sistema de geração de capital tende a destruir, alienar e aniquilar o ser do trabalhador colocando-o em um a condição de pauperismo, de acumulação de miséria.

É, então, desenvolvido o conceito de cultura da pobreza que continua servindo para alimentar objetivos moralistas de classificação dos pobres, tomando como referência os padrões de comportamento da classe média. Além do critério moral, a raça e o local de moradia têm servido como elemento de classificação de pobres e não-pobres. (SILVA, 2003, p.19)

Tomando como base a toda essa explanação, a autora, delimita três categorias (três públicos) vítimas do pauperismo e a geração da miséria: 1) os aptos para o trabalho; 2) órfãos, crianças e indigentes, os quais serviram como banco de reserva do exército industrial e posteriormente trabalhadores ativos; 3) degradados, maltrapilhos, incapacitados, que é aquele público que possui uma idade avançada para venda da força de trabalho, ou seja, as vítimas das indústrias, aleijados, doentes, viúvas e etc...

Com as reivindicações dos trabalhadores, o Estado, e seus representantes, entidades filantrópicas e a Igreja começam a olhar para esse grupo através de uma “caridade pública”, traçando assim, pensamentos, reflexões e ações acerca desse problema social que começa a emergir fortemente na Inglaterra. Assim, inicia-se uma atuação dentro das sequelas geradas pelo o empobrecimento dos trabalhadores urbano-industrial e suas lutas (PIMENTEL, 2012). Esse período é um marco para a assistência social, pela participação de reformistas sociais que



começam a refletir acerca dessa população e a luta de trabalhadores perante o pauperismo, desta forma, começam a pensar em ações preventivas, sobre as condições sociais, como resultados desse pauperismo ocasionado pela exploração do trabalhador.

## **2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA POBREZA NOS ESTUDOS DO SÉCULO XXI E A ASSISTÊNCIA**

Depois dessa explanação temos uma noção sobre um dos vieses da explicação da produção da pobreza a partir do breve recorte da Inglaterra no século XIX. Segundo Silva (2003), essa questão virou um debate mundial, pois países capitalistas que começaram a industrialização do seu território passaram a ter as mesmas problemáticas, com o tempo foram sendo criadas formas de enfrentamento da pobreza. A pobreza em escala mundial teve um declínio entre anos de 1950 a 1970, mas em 1980 esse cenário começou a se inverter após a entrada principalmente dos princípios neoliberais, pois houve:

o ajuste fiscal e monetário, a redução dos gastos sociais, privatização, controle das contas públicas, desregulamentação, abertura dos mercados internacionais, tudo orientado pelo princípio da eficiência econômica e pelo pressuposto de que essas medidas dariam sustentabilidade financeira ao Estado e possibilitariam o crescimento econômico e a equidade social (SILVA, 2003, p.3)

Mas o que foi houve foi o contrário, demonstrando os seguintes resultados:

São denunciados os resultados desastrosos dos anos 1990 em relação ao baixo ou inexistente crescimento econômico, globalização e generalização da pobreza, aumento da concentração de renda e do desemprego, fazendo com que a América Latina entre no terceiro milênio com mais de 150 milhões, o que equivale a um terço da sua população vivendo na pobreza, com renda inferior a US\$ 2 diários e 80 milhões vivendo em pobreza extrema com ingressos diários inferiores a US 1\$ (SILVA, 2003, p.3)

Tratando-se da América Latina, quando nos referimos ao nosso território nacional, com o advento do capital e o neoliberalismo, podemos perceber que o mesmo cenário recai também sobre o Brasil, pois segundo Silva (2010), somos um país em desenvolvimento que possui grandes marcadores de extrema desigualdade social<sup>7</sup>, dentre eles, destacamos a de classe, sendo uma das responsáveis pela exploração do trabalhador e geração/manutenção do ciclo da pobreza. O maior exemplo disso é a concentração de renda do país, onde 1% da renda da elite

---

<sup>7</sup> Segundo Silva (2003) desigualdade designa a deficiências e não quer dizer o mesmo de pobreza, sendo a primeira tendo noção de desvantagem em relação a riqueza média.

equivale a 50% de pessoas pobres (PAIVA, 2009), sendo que esses índices são mais gritantes quando direcionado a região do Nordeste (ARRUDA, B.; ARRUDA, I., 2007) e dentro dos grupos sociais podemos perceber que existem pessoas alvos desse fenômeno:

a evidência disponível sugere que alguns grupos sociais e indivíduos têm maior probabilidade de permanecerem aprisionados na pobreza, o que agrava ainda mais as desigualdades já existentes. A pobreza está cada vez mais concentrada entre populações com características específicas: crianças e jovens, índios, negros, os que não imigraram, desempregados e trabalhadores empregados nas áreas rurais ou no setor informal. (GACITÚA-MARIÓ; WOOLCOCK, 2005: 17; apud ARRUDA, B; ARRUDA, I., 2007, 458).

O Estado, desde a Constituição Federal de 1988, é responsável pelo cuidado e garantia de direito dos cidadãos e cidadãs, com isso, necessitam elaborar políticas públicas para o acesso aos equipamentos e melhoria de vida de pessoas pobres. Segundo Silva (2010), um dos grandes governos a investir nessas políticas públicas e em distribuição de renda para população pobre foi Luís Inácio Lula da Silva no período de seu dois mandatos (2003 – 2011), a qual criou o Programa Bolsa Família que ajuda na melhoria de vida de famílias em todo o Brasil, principalmente na região Nordeste.

O Bolsa Família é o maior programa de transferência de renda em implementação no Brasil, com implementação descentralizada em todos os municípios (...) O Bolsa Família propõe articular a transferência monetária a ações complementares mediante articulação com outros programas de natureza estruturante, com destaque para a educação, saúde e trabalho. (SILVA, 2010, p.159)

Segundo Silva (2010), a pobreza e desigualdade social foi reduzida nessa época em 4,5% durante a vigência do programa, isso decorreu também do: crescimento real do salário, estabilidade da economia e os benefícios da previdência social, principalmente para trabalhadores rurais. Voltando ao programa bolsa família, pessoas pobres obtiveram acesso a diferentes equipamentos, por exemplo, pela obrigatoriedade de crianças e adolescentes irem à escola, as grávidas de ter acompanhamento em seu pré-natal, entre outros fatores, que são intrínsecos para obtenção do benefício.

Nesse sentido, podemos perceber, segundo Yzabeck (2005), que o enfrentamento da pobreza não gira em torno da carência de bens, mas também diz sobre o acesso à informação, oportunidades, esperanças e direitos. Souza (2013), alerta que se formos colocar o problema meramente na insuficiência de renda, estamos relacionando somente aos aspectos biológicos e econômicos, assim, esconde e limita os aspectos relacionado a realização emocional e pessoal.

Pimentel (2012) diz que percebemos o pauperismo por questões de moradia e nutrição. Desta forma, compreendemos que o conceito de pobreza tem caráter multidimensional, podendo então ser vista para além da renda, sendo percebida por outros indicadores sociais relacionados a saúde, mortalidade e educação (ARRUDA, B.; ARRUDA, I., 2007).

A privação de capacidades elementares pode refletir-se em morte prematura, subnutrição considerável (especialmente de crianças), morbidez persistente, analfabetismo e outras deficiências. Essa definição não despreza o fato de a pobreza também ser caracterizada como uma renda inferior a um patamar pré-estabelecido, pois uma renda baixa pode ser a razão primeira da privação de capacidades de uma pessoa. A relação entre renda e capacidade é demasiadamente afetada pela idade da pessoa (necessidades específicas dos idosos e muito jovens), pelos papéis sexuais e sociais (por exemplo, as responsabilidades da maternidade e também as obrigações familiares determinadas culturalmente), pela localização (por exemplo, propensão a inundações ou secas, ou insegurança e violência em alguns bairros pobres e muito populosos), pelas condições epidemiológicas (por exemplo, doenças endêmicas em uma região) e por outras variações sobre as quais uma pessoa pode não ter controle ou ter um controle apenas limitado. (CRESPO; GUROVITZ, 2002, p.5)

Percebemos que a manutenção da pobreza é um grande fator para manter a divisão de classes, pois acaba por enfraquecer as capacidades de transformação de pessoas. Assim, lembramos de Pimentel (2012) que fala sobre os interesses do capital e o capitalista em não quer que o pobre/trabalhador possua os meios de produção e que permaneça somente na dependência e na venda da forma de trabalho. Diante disso, Silva (2010) e Yzabeck (2005), asseguram que o pobre passa a não ser reconhecido pela sua condição social, principalmente nesse país onde possui um chamado capitalismo (des)estruturado e que tem como referência o neoliberalismo, perpetuando uma visão individualista meritocrática, fazendo culpabilização do pobre pela sua condição de vida e pelo o atraso no desenvolvimento do Brasil, o que nos faz lembrar os questionamentos do início do texto sobre quem recai a resolução dos problemas emergidos pelas péssimas condições e exploração do operário. Vale lembrar que a busca pela acumulação do capital:

Ela provoca uma acumulação da miséria semelhante à acumulação do capital. Assim, a acumulação da riqueza numa extremidade significa, ao mesmo tempo, ‘a acumulação de miséria, tormento de trabalho, escravidão, ignorância, brutalização e degradação moral’ na extremidade oposta, ou seja, ‘do lado da classe que produz seu próprio produto como capital’ (PIMENTEL, 2012, p.44)

Percebemos até aqui, que a pobreza gira em torno da lógica do capital. Adotando uma visão estruturalista, observamos em análise mundial, continental, nacional, regional e histórica, que com o advento do neoliberalismo a acumulação do capital se fortalece de forma bem mais

intensificada, ocasionando a produção da pobreza e miséria em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, isso faz com que as classes sociais sofram uma ruptura ainda maior do que a prevista, afim daquele operariado não mais ascenda socialmente e aquele possui o capital centralize mais ainda o poder. Nesse processo podemos citar o Brasil com a acentuação de regiões mais pobres como o Nordeste, que possui uma cultura marcada pela agricultura que sofrer com a seca na maioria de suas cidades, e o Sudeste como polo industrial em constante crescimento, sendo São Paulo o estado com maior acumulação PIB (produto interno bruto) do país .

Diante disso, em uma análise arriscada, podemos até perceber o Estado e as instituições que centralizam suas ações na “Questão de Social” de Pimentel (2012) como maquiadora dos estragos do capital, criando medidas de proteção ao indivíduo que se encontram reféns desse sistema, fazendo somente uma reparação superficial e não vê o verdadeiro foco dessa proliferação e criação da miséria. Não podemos negar que possuímos um grande avanço e uma certa qualidade nas políticas públicas de assistência ao pobre, mas pela lógica do capital, essas ações atrapalham seus investimentos. Assim, ocasiona um baixo investimento nessa ação ou um trabalho inconsistente a essa população, visto a condição social que são colocados. Então todo o trabalho voltado para o âmbito social ou que beneficia a camada mais pobre sofre ataques de privatização ou extermínio, principalmente, porque vivemos em um período de constantes intensificações da privatização dos serviços públicos e a precarização do trabalho, ou seja, mecanismo com que faça o trabalhador produza mais por menos, colocando o operariado e o exército de reserva em condições subalternas de uma vida digna sobre uma visão de que “o trabalho dignifica o homem”.

### **3. EDUCAÇÃO E A SOCIOEDUCAÇÃO.**

Como analisado no capítulo anterior, a capital possui um mecanismo próprio de funcionamento, tendo uma estrutura que faz com que as pessoas não ascendam socialmente e vimos também o Estado como entidade que deve garantir o direito ao cidadão, tendo que criar políticas que atendam a “Questão Social” causadas sequelas deixadas pela acumulação do capital. Perante esse fator, teremos que refletir qual é o papel da educação na formação da pessoa e como a pobreza está vinculada a esse fenômeno social, principalmente na socioeducação.

Segundo Libâneo (1994), a educação, é um fenômeno social em que todos os seres humanos vivenciam durante toda a sua trajetória de vida. Ela acontece dentro das relações humanas e em diversos espaços institucionais e se dá de 3 maneiras diferentes: educação formal, informal e não-formal. A primeira é baseada através das leis, com conteúdos sistemáticos, uma legislação que faz com seja guiada por profissionais da educação, existindo intencionalidade em seus conteúdos no exercício da prática social. Transformam os conteúdos científicos acumulados pela humanidade em conteúdos didáticos para melhor aprendizagem. O segundo, é marcado pelas relações sociais espontâneas que acontece dentro do nosso cotidiano. O terceiro, oscila entre a educação formal e informal, não tendo como base leis, mas possui um conteúdo programado e intencional, podendo acontecer mais de uma vez ou não. Segundo Libâneo (1994), são instituições sociais que opera o sistema educacional em um determinado tempo, é um produto que tem frutos de uma ação educativa e é um processo, pois causa transformações no sentido histórico quanto ao desenvolvimento da personalidade.

#### **3.1. INFANCIA E POBREZA: UM PROBLEMA QUE REFLETE NA EDUCAÇÃO**

Antes de entrarmos no debate sobre a educação frente às suas diferentes interfaces, principalmente na educação de crianças pobres, precisamos ter noção sobre o qual é a perspectiva de infância e criança estamos a discutir. Sabe-se que a infância é uma das principais fases do desenvolvimento humano para criação de potencialidades e competências sociais (SARRIERA et al, 2006), quando colocadas em situações que são desprovidas de fatores de proteção<sup>8</sup>, que são específicos para construção desses segmentos, há a possibilidade de resultar

---

<sup>8</sup> três fatores de proteção em indivíduos: (1) características individuais, como autoestima, inteligência, capacidade para resolver problemas e competência social; (2) apoio afetivo transmitido pelas pessoas da família, através de um vínculo positivo com os cuidadores; (3) apoio social externo, provido por outras pessoas significativas, como escola, igreja e grupos de ajuda. (CECONNELLO; KOLLER, 2000, p.74)

negativamente para essa parcela da população. Lidar com as situações de constrangimento, humilhação e vergonha, as resoluções de problemas, a autorrealização e a concretude da autoestima acabam sendo afetadas causando um déficit na sua formação, isso pode até mesmo acarretar em dificuldades de construção de relacionamentos afetivos e sociais positivos.

Diante disso, destacamos Kramer (2007), a qual define infância, retratando como uma categoria social e histórica, que pensa a criança como cidadã, possuidora de direitos, que produz cultura e por ela é produzida, sendo também uma passagem de tempo, dos 0 aos 10 anos de idade, tendo como natureza a imaginação, a fantasia, a criação e a brincadeira. A mesma fala que ao longo do tempo não foi sempre pensada assim, essa categoria histórica/social foi pesquisada principalmente no século XX com o advento do capitalismo e da modernidade, pois houve um crescimento da ciência, decréscimo da mortalidade infantil e mudanças sociais. A autora assegura que o conceito de infância varia historicamente e socialmente, assim, seus papéis podem se diversificar de acordo com a organização da sociedade, então “as crianças não formam uma comunidade isolada, elas são parte do grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento” (KRAMER, 2007, p.17).

De frente a essa questão, fica a seguinte pergunta: será que todas as crianças de poucos privilégios, ou de nenhum, que moram em zonas rurais, periféricas e zonas pobres possuem direito a infância no contexto de desigualdade social e a produção da pobreza? Kramer (2007), responde essa pergunta de forma bem satisfatória, pois realça que o conceito de infância produzida inicialmente tendo como referência crianças da classe média, pois as pobres não eram enquadrada dentro desse universo, ou sejam, eram excluídas, e essas crianças pobres, são aquelas que justamente estavam trabalhando nas fábricas, nas minas de carvão ou estavam na rua. Não tinham uma condição social. Também lança a preocupação de mais estudos nas diferentes áreas referente a essa categoria social, pois “até hoje o projeto da modernidade não é real para a maioria das populações infantis, em países como o Brasil (KRAMER, 2007, P.15). Desta forma, crianças desempenham papéis sociais diferentes e ressalta que o trabalho infantil e a pobreza são um marcador a qual diz que infância teria chegado ao fim, pois as crianças pobres não seguem os parâmetros criados para definir a infância com base a classe média e a dominação/controlado do adulto sobre o indivíduo.

“A idade em que a criança vivencia a pobreza também parece influenciar o desenvolvimento infantil, embora existam menos evidências para este efeito na literatura. Se a pobreza ocorrer na infância, tende a levar a repercussões no

desempenho cognitivo, ao passo que se ocorrer na adolescência, o impacto parece ocorrer no comportamento e na escolaridade” (PAIVA, 2009, p.27)

Levando isso em conta, também teremos que ter noção que as desigualdades sociais em que se vivenciam ao nosso redor. Segundo Castro (2011), existem dois tipos de crianças: crianças bem nascidas como aquelas a qual estariam resguardadas de todos os seus direitos; e aquelas mal nascidas, onde vivenciam uma situação de pobreza a qual vivem uma dura rotina na garantia dos seus direitos, pois “essas não usufruem qualquer direito à vida, à saúde, à cultura e a dignidade, como qualquer criança bem nascida, e, portanto, tem seu destino relegado as contingências da miséria, da prostituição e da aliciação.” (CASTRO, 2011, p.155).

Pessoas pobres sofrem uma série de fatores que impedem seu desenvolvimento pelas privatizações supracitadas no capítulo anterior, no qual fortalece o processo de estigmatização e diminuição do exercício da agencia, que traduz na capacidade de alcançar determinados objetivos, abrindo as portas para o preconceito. O preconceito segundo Moura Jr e Sarriera (2016) “é concebido como um conjunto de informações negativas constituídas de aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais impetrados a um determinado grupo social”, portanto, aos falarmos sobre esse grupo, estamos retratando vidas de pessoas que estão sujeitas a humilhação e a vergonha.

Geralmente, reconhece-se socialmente o indivíduo em situação de pobreza como único culpado pela sua situação de pobreza, sendo esvaziado o contexto social e o poder estatal para a explicação dessas concepções. Compreende-se que há, então, uma série de papéis sociais ligados a essa identidade social estigmatizada de pobre, como vagabundo, sujo, criminoso, culpado pela sua situação, conformado, religioso e causador de mazelas sociais” (MOURA JR; SARRIERA, 2016, p.265)

Quando refletimos esse imaginário dentro de alguns espaços, como a escola, podemos entender a evasão, isolamento social e os preconceitos vividos por crianças, adolescentes dentro do espaço escolar que se localizada dentro de uma estrutura que é permeado pela discriminação, violência e desigualdade. Então “toda situação de pobreza estrutural ou de intensificação desta, inevitavelmente, exercerá impacto sobre o sistema escolar, questionando, interferindo e fragilizando as condições para o exercício do direito à educação (GENTILI, 2009, p.1065).

### 3.2. EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS POBRES

Como visto no tópico anterior, é necessário um olhar as infâncias, principalmente aquelas que se encontra na linha da pobreza ou na extrema pobreza, pois além de estarem privadas de direitos básicos, ainda não são reconhecidas pela sua condição social. Gentili (2009), aprofunda dizendo que a pobreza é muito vivenciada de forma mais grave por crianças e jovens, principalmente nas populações indígenas e afro-latinas “a maior probabilidade de estar excluído da escola ou de ter acesso a uma escolaridade profundamente degradada em suas condições de desenvolvimento pedagógico é ter nascido negro, negra ou indígena, em qualquer país da América Latina ou do Caribe.” (GENTILI, 2009, p1067)

Aqui veremos a educação formal como entidade de garantia de direito do indivíduo, especialmente a esse recorte da população. A educação escolar e pobreza foi pouco estudado entre os anos de 1999 a 2009, segundo o levantamento de dados realizado por Yannoulas Assis e Ferreira (2012), possuindo pouca visibilidade principalmente no norte e nordeste, com poucos grupos de pós-graduação em todo o Brasil que estuda com o foco diretamente essas duas temática, e isso, só reflete o como e quem ainda está pensando o rumo das políticas de assistência às crianças pobres que adentram desses espaços educacionais de formação.

a educação é tida como uma área que deve receber investimentos, sendo esse um meio de mudança da condição social vigente e uma política que deve receber maior atenção do governo por se tratar da formação do cidadão, pois a escola seria o ponto de partida para a construção de um futuro melhor (YANNOULAS; ASSIS; FERREIRA, 2012, p.339)

Yannoulas, Assis e Ferreira (2012), destaca que a educação formal recebe duas visões acerca dela em função ao indivíduo, a primeira é a positiva, que traz a educação como antídoto contra os males da pobreza, com isso, destaco Kramer (2007), na qual acredita que a educação quando seguida em seus princípios éticos, afetivos, políticos e sociais podemos ter um verdadeiro olhar para as crianças e suas diferenças, seja ela étnica, de classe, raça ou de gênero. Dessa maneira, se tem uma visão de que a escola é um espaço de diminuição de desigualdade quando empenhados em uma formação integral, em seus aspectos culturais, envolvendo o trabalho científico, as relações cotidianas e os conhecimentos que passam de geração em geração presente na literatura, na música, no cinema, no teatro e nos museus; e a segunda é a negativa, que retrata a educação como reprodutora da ordem social e dos polos sociais causada pelo o capitalismo, sendo esse um mecanismo de privilégio e formação do exército de reserva,



ou seja, traz que a educação escolar como uma das grandes ferramentas de geração e marcador de desigualdade social dentro da sociedade.

Uma terceira visão começa-se a ser pensada para sair dessa polarização evidente dentro dos escritos desse recorte de tempo. Segundo as autoras supracitadas, nessa outra perspectiva, a educação é uma entidade complexa que reúne a esfera Estado-sociedade e que é atravessada para além do aspectos pedagógico, ou seja, deve ser pensada levando em conta elementos econômicos, culturais e políticos e está relacionado aos mais diversos equipamentos sociais, sugerindo então que para cada unidade escolar tenha-se uma equipe multidisciplinar para dá conta das adversidades enfrentadas pela equipe pedagógica.

Levando em consideração essa quádrupla perspectiva (educativa, econômica, cultural e política), pode ser de utilidade analisar os mecanismos específicos de discriminação que atuam na relação entre situação de pobreza e educação formal, os quais questionam a “normalidade” dos parâmetros estabelecidos (YANNOULAS; ASSIS; FERREIR, 2012, p.343)

A escola pública enfrenta diversos desafios, desde o baixo investimento como na superlotação de salas, mas ela é uma das poucas representações do poder público em determinados espaços, e ela, abre possibilidade para diversos equipamentos sociais e programas para elevação da escolaridade, como por exemplo, a saúde e assistência social. Segundo Yannoulas, Assis e Ferreira (2012), a educação pública é um das instituições que consegue efetivar diversas políticas e programas que objetivam cumprir as necessidades básicas da população mais pobre com alimentação, higiene, vestuário, vacinação, entre outros, já que “os altos níveis de miséria associados à fome, à desnutrição e às péssimas condições de vida e de saúde da população mais pobre conspiram contra a possibilidade de que o trânsito pelas instituições escolares seja a oportunidade real de democratização de um direito humano.” (GENTILI, 2009, p.1065). Outros exemplos, agora de políticas focalizadas, temos o Bolsa Família como um dos maiores programas de transferência de renda que atende boa parte dos estudantes das escolas públicas.

Atualmente, o Bolsa Família, recebe várias críticas da comunidade, principalmente por essa não entender os princípios que essa política de estado tem na vida de várias famílias brasileira. Yannoulas, Assis e Ferreira (2012), anuncia que o pano de fundo desse programa é de tentar suprir um suposto déficit familiar (reforço e atividades socioeducativas) que impacta no rendimento escolar dos estudantes, evitando que ela saia da escola em busca de trabalho que geraria o abandono escolar, e assim a continuação do ciclo da pobreza. Porém uma crítica é

lançando sobre o Bolsa Família: as escolas, municípios, estado, a comunidade e até mesmo o capitalismo, ignoram toda essa trama e responsabilizam somente as famílias e os envolvidos no cumprimento das exigências que o programa faz para que você seja assistido, o que desfoca a atenção dessas instituições que deveriam estar juntas cumprindo e assistindo o indivíduo que é pobre. Um exemplo citado é que para recebimento do benefício, as famílias (unicamente), deve garantir a permanência do aluno na escola com sua presença, o que segundo as interpretações de Yannoulas, Assis e Ferreira (2012), sugere que as famílias querem retirar os seus filhos da escola para leva-los para o trabalho infantil e é o recebimento desse pequeno benefício que não os permitem, desta maneira, afirmam que é um discurso falacioso e até mesmo contraditório comparada aos discursos das famílias que são assistidas.

As famílias beneficiárias pouco podem exercer o direito ao controle social na formulação e na avaliação dessas políticas compensatórias, em virtude justamente da sua condição de vulnerabilidade extrema. Mais do que condicionalidade ou ameaça de desligamento da família do programa por descumprimento das exigências, o que deve ser ressaltado é o direito de todo cidadão a ter acesso ao trabalho e aos programas sociais que garantam uma vida com dignidade. As condicionalidades deveriam ser impostas ao Estado em seus três níveis (federal, estadual e municipal) e não às famílias, pois é o Estado que não cumpre com os deveres fixados constitucionalmente com relação ao direito à educação. (YANNOULAS; ASSIS; FERREIRA; 2012, p.346)

Esse discurso a qual citamos anteriormente, nos indica que há uma diferenciação dos estudantes no espaço educacional e que nas escolas ainda não se tem um entendimento do objetivo do Bolsa Família. Percebemos isso quando Yannoulas, Assis e Ferreira (2012) nos mostra o discurso de professoras da educação básica montado em um pensamento de que escola deixou de ser um espaço para aprendizagem para ser alvo de aquisição monetária, o que nos faz perceber até mesmo que esses agentes não entendem o próprio conceito de infância pobre e a realidade dos alunos.

Também preocupa a constatação das enormes dificuldades que enfrenta a infância pobre para frequentar a escola (Freitas, 2006). Com alunos em situações de severa pobreza, a escola passa por um processo de transformação na maneira em que é “consumida” pelos alunos, de tal maneira que por vezes a própria forma de ser do escolar está em jogo. Os alunos muito pobres constituem um desafio para as professoras que trabalham em inacreditáveis condições de precariedade na maioria das escolas públicas periféricas, muitas vezes sendo esses alunos “tolerados” – e não verdadeiramente incluídos – por falta de opções para desenvolver outro tipo de trabalho pedagógico. (YANNOULAS; ASSIS; FERREIRA; 2012, p.346)

Com isso, podemos perceber como a pobreza pode refletir na qualidade de ensino e aprendizagem, além das questões psicossociais entrelaçadas nesse meio onde o sujeito pobre

pode sofrer, ou seja, com o estigma, a diferenciação, o preconceito e a não reconhecimento da existência do indivíduo. Esse processo podemos chamar de exclusão includente, como aponta Gentili (2009):

isto é, um processo mediante o qual os mecanismos de exclusão educacional se recriam e assumem novas fisionomias, no contexto de dinâmicas de inclusão e inserção institucional que acabam sendo insuficientes ou, em alguns casos, inócuas para reverter os processos de isolamento, marginalização e negação de direitos que estão envolvidos em todo processo de segregação social, dentro e fora das instituições educacionais. (GENTILI, 2009, p.1061)

Então, mesmo com os grandes esforços de universalizar o ensino, ainda não conseguem colocar em prática esse direito e muito menos pensam em um currículo que promovam uma justiça ou equidade para crianças pobres. Em sua análise multidimensional, Gentili (2009), busca compreender a exclusão dos estudantes pobres dentro das instituições educacionais:

Historicamente, negou-se aos pobres o direito à educação impedindo seu acesso à escola. Hoje, esse direito é negado quando não lhes é oferecida outra alternativa a não ser a de permanecer em um sistema educacional que não garante nem cria condições para o acesso efetivo a uma educação de qualidade, quando se limitam as condições efetivas de exercício desse direito pela manutenção das condições de exclusão e desigualdade que se transferiram para o interior do próprio sistema escolar. Estas condições bloqueiam, travam e limitam a eficácia democrática do processo de expansão educacional, conduzindo os pobres para o interior de uma instituição que, em um passado próximo, dispunha de um conjunto de barreiras que limitavam suas oportunidades de acesso e permanência. (GENTILI, 2009, p.1062)

Como a educação formal não é suficiente para atender todas as crianças e jovens de forma efetiva, foi criada pela assistência social, a socioeducação, para complementar a formação do indivíduo, assim, podemos definir esse conceito como ferramenta teórico-metodológica usada com crianças e adolescentes, em grande maioria, em situação de vulnerabilidade social como instrumento que possibilita fomentar a qualidade de vida do indivíduo capaz de gerar transformação social, pois a escola não é único espaço exclusivo de promoção desse fenômeno social, como alerta o art. 1º da LDB – Lei de Diretrizes e Bases Nacional para Educação - “ A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996), desta forma, abre possibilidade da emergência de instituições, como a assistência social, de criar mecanismo para o enfrentamento da pobreza, precisando ser articuladas com a escola, como apontado neste escrito.

### 3.3. A SOCIOEDUCAÇÃO: UMA RESPOSTA PARA A QUESTÃO SOCIAL?

Um estudo realizado em 2009, aponta em uma dimensão de 34 milhões de brasileiros 17 milhões eram beneficiários do programa Bolsa Família, portanto, podemos constatar que quase metade da população se encontrava em vulnerabilidade econômica e social, assim, de acordo com Yannoulas, Assis e Ferreira (2009), a escola não consegue atender todas as expectativas atribuídas a elas levando em conta todo esse quantitativo vivido nas escolas públicas.

Como tentativa de assistir essa parcela da população, foram feitos questionamento sobre esse fator, com o tempo, criaram algumas medidas, como a socioeducação, pela assistência social que possui princípios norteadores do SUAS<sup>9</sup>, como ferramenta aliada para elevar a educação de crianças pobres e sua permanência na escola (FAERMAMN; NASCIMENTO, 2016). A socioeducação, a qual veremos mais diante, se caracteriza como educação não-escolar, por complementar os ensinamentos e aprendizagens que ocorrem na escola, buscando fazer com que o indivíduo, através de suas práticas, veja a escola como espaço de transformação social, “dessa forma, quando a criança vai ganhando habilidades e destrezas sociais, sente-se competente e produtiva; no polo oposto, as experiências negativas e o fracasso escolar levam a sentimentos de incompetência e de inferioridade. (PALACIOS; HIDALGO, 2004, p.253).

As práticas socioeducativas se constroem por meio de processos e atividades não vinculadas ao sistema de méritos e níveis, típico do sistema escolar formal e possibilita aprendizagens articuladas que contribuem para o desenvolvimento pessoal e social de crianças e adolescentes, atualizando e complementando conhecimentos já trazidos por estes de sua vivência familiar e experiência cultural. (SÃO PAULO, 2007a, p.10)

Assim, a socioeducação é uma das ferramentas elaboradas para suprir as demandas que as escolas públicas não conseguem contemplar, ou seja, para além do pedagógico foi necessário que pensasse em um plano para que atendesse crianças e jovens que sofrem pelas sequelas causadas pela acumulação do capital e da acumulação da miséria. Segundo Faermamn e Nascimento (2016), vamos tratar de um instrumento técnico-operativo, político-pedagógico e teórico-metodológico, que possui uma estratégia política que tenta organizar e mobilizar a comunidade no campo das políticas públicas para desenvolvimento de uma consciência libertadora de sua realidade em uma sociedade marcada pela classes, seguindo as concepções da educação popular de Paulo Freire.

---

<sup>9</sup> O SUAS, cujo modelo de gestão é descentralizado e participativo, estabelece a regulação e a organização dos serviços socioassistenciais em todo o território nacional (FAERMAMN; NASCIMENTO, p.157)

o trabalho socioeducativo pode assumir “características disciplinadoras, voltadas ao enquadramento do ‘cliente’ em sua inserção institucional e na vida social, como pode se voltar para uma perspectiva emancipadora, defendendo, preservando e efetivando direitos sociais” (FAERMAMN; NASCIMENTO, 2016, p.160)

Vimos que a socioeducação é uma política de assistência que pode assumir duas facetas dependendo de quem as apropriam, ou seja, ela pode ser incorporada por diferentes entidades e instituições para realizar atividades que afirmam e estigmatizam mais ainda esse extrato da população mais pobre ou pode ser aplicada de forma a difundir e fincar com seu real valor para promover práticas emancipadoras. Neste escrito, irei adotar a seguinte definição descrita nos cadernos de orientação sobre os parâmetros para atividades socioeducativas do estado de São Paulo (2007b), pois acredito que essa atenda aos princípios mais equalizantes do conceito:

As ações socioeducativas concretizam a educação integral e se dão por meio do entrelaçamento da educação com a proteção social. O termo “socioeducativa” é tomado como qualificador da ação, designando um campo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de habilidades competências cognitivas e valores éticos, estéticos e políticos a fim de promover a capacidade de acessar e processar informações, a convivência em grupo e a participação na vida pública. (SÃO PAULO, 2007b, p. 43)

Como a socioeducação é a união da educação e a proteção social, visasse a promoção de potencialidade pessoais e intelectuais, desta maneira, podemos atingir como produto dessa prática a promoção de resistência, pois “devem ser norteados por princípios que favoreçam a conquista de sua autonomia, além de oferecerem condições de “resiliência/sustentabilidade, protagonismo, acesso a oportunidades, capacitações, acesso a serviços, a benefícios, a condições de convívio e socialização” (FAERMAMN; NASCIMENTO, 2016, p.159). A educação citada no parágrafo anterior, diz sobre os aspectos pedagógicos, transformadores e que estão dispostos dentro dos 4 pilares da educação orientados pela UNESCO:

Aprender a ser, conhecer seus anseios, transformá-los em projetos; Aprender a fazer e transformar seus saberes e anseios em produtos; Aprender a conviver, saber ser outro, com o reconhecer diferenças, e respeitar considerar anseios e projetos coletivamente; Aprender a conhecer, descobrir caminhos para o conhecimento, desenvolver curiosidade, a saber saberes acadêmicos culturais. (SÃO PAULO, 2007b, p. 44)

A proteção social é uma política pública que tem por finalidade o trabalho em rede e se caracteriza com as ações que visam evitar e/ou sanar situações de risco, vulnerabilidade e exclusão:

Proteção social é a política pública necessária a todo cidadão que se encontra fora dos canais e redes de segurança social. Ou melhor, cidadãos desprotegidos porque não

estão incluídos e usufruem precariamente dos serviços das políticas básicas (saúde, Educação, habitação). Estão desprotegidos porque estão fora das malhas de proteção alcançadas pela via do trabalho, ou estão fora porque perderam relações e vínculos sociofamiliares que asseguram pertencimento. (SÃO PAULO, 2007b, p 43)

O objetivo principal da socioeducação é o convívio social e o exercício da cidadania, pois segundo a cartilha produzida em São Paulo (2007b), a convivência é a base do ser e ele/ela precisa se sentir pertencente, reconhecendo-se dentro de um contexto e construindo seu eu a partir de referências positivas, promovendo assim a autonomia, a importância da vida e a aposta em si mesmo. Seguindo esse pensamento, as atividades e ações devem ser pautadas em:

atividades lúdicas e culturais, o desenvolvimento de competências e habilidades, o reconhecimento do microterritório, o recontar da história comunitária e individual e a construção de projetos individuais e coletivos. É a partir do fortalecimento da vinculação grupal, do compromisso com o cotidiano (passado, presente e futuro) que o saber formal amplia seus sentidos e significados. (SÃO PAULO, 2007b, P.47)

A socioeducação em nossa investigação incorpora várias nomenclaturas: atividades socioeducativas, práticas socioeducativas, ações socioeducativas, medidas socioeducativas, trabalho socioeducativo. Mas aqui adotaremos a socioeducação a título de organização. A socioeducação está dividida em três aspectos: protetivo, preventivo e proativo; sendo que os dois primeiros aspectos são importantíssimos para concretude do trabalho com crianças pobres que se encontra com vulnerabilidade social e econômica e a terceira com jovens menores infratores que cometeram algum delito e estão afastado da sociedade a fim de ressocializar a partir das medidas socioeducativas.

Até o momento, já começamos a perceber como a natureza do trabalho socioeducativo não é somente adotar uma nomenclatura e realizar atividades que nada tem a ver com as propostas apresentadas em programas, artigos, cartilhas e formações. Nela, temos que ter as preocupações de montar um trabalho conjunto e em rede que vise as necessidades da comunidade, englobando o contexto social dos indivíduos presentes, percebendo o que mais tange seu recorte social e como podemos elevar sua atuação afim de que se reconheçam como sujeitos de direito.

é necessário considerar, no percurso do trabalho socioeducativo, a realidade das famílias em sua totalidade, para não correrem o risco de naturalização, culpabilização e criminalização de suas condições de vida, de seus modos de pensar e de agir. Nesse sentido, suas demandas devem ser interpretadas como expressão de necessidades humanas não satisfeitas, decorrentes das desigualdades próprias do capitalismo (...) Isso significa que o trabalho socioeducativo vai além da simples concepção de mudança a partir do indivíduo, devendo considerar as estruturas em que está inserido (...) importante identificar nesse processo as mediações, que envolvem o cotidiano de

vida das famílias atendidas pela política de assistência social, pois é a categoria mediação que permite analisar os fenômenos sociais para além da sua imediatividade, funcionando como um conduto através do qual se processam as relações entre as várias instâncias do real. (FAERMAMN; NASCIMENTO, 2016, p.162)

Como visto, a socioeducação aborda um papel fundamental para transformação da realidade de crianças e jovens, mas vale lembrar que essa política de assistência só está sendo pensada porque vivemos em um país que todos os dias as desigualdades sociais são demarcadas e acentuadas, existindo e aumentando gradualmente a parcela da população que é pobre ou que vive em extrema pobreza. Foi necessária uma revolução pela questão social (PIMENTEL, 2012) por melhores condições de vida dos trabalhadores e pessoas afetadas pelas sequelas do capital para começar a pensar na população pobre.

Se faz necessário retornar ao pensamento de Pimentel (2012), que nos alerta o seguinte: os capitalistas não querem que a parcela da população pobre ascenda, mas sim manter os polos sociais ainda bem distantes e impossíveis de alcançar. Outro ponto, que precisa ser ressaltado, é que as entidades públicas sofrem constantemente com os ataques e sucateamentos que o capitalismo provoca, bem como por uma lógica neoliberal de associar a economia e a pobreza, pois para capitalistas e neoliberais as ações de cunho social são enquadradas como atrasos e interfere nos meios de produção do capital por empresas privadas. Nessa lógica, o trabalho socioeducativo só é necessário quando se traduz em um trabalho alienante e sem perspectiva de transformação social.

Buscou-se uma visada que parte dos antípodas de uma certa glamourização da pobreza - operação que procura embelezar os pobres de todas as idades - buscando transformá-los em produtos com valor agregado, palatáveis ao gosto do mercado, que anda faminto para lucrar com a Responsabilidade Social Empresarial por meio do marketing social (BENELLI; ROSA, 2011, p.540)

Como observado na citação anterior, os capitalistas buscaram uma forma de adentrar dentro desses espaços marginalizados para promover uma série de programas que visam atender a “questão social”, mas só fazem isso como forma de enquadrar os indivíduos dentro uma margem e se promoverem para sua própria ascensão. Como estratégias de alienação, diversas outras instituições como empresas, igrejas e entidades filantrópicas começam a se aproximar das comunidades atingidas pela pobreza a fim de intensificar os processos de separação social e acentuar as desigualdades. A elite fica atrás de algumas dessas entidades para traçarem um plano de dependência, como avisa Benelli e Rosa (2011): “procura ‘inocentemente’ fazer o bem aos mais pobres, enquanto exerce um férreo controle sobre eles, que permanecem eternamente

dependentes e à mercê da ajuda, muitas vezes irrisória, que recebem” (BENELLI; ROSA, 2011, p.540).

Algumas justificativas, especialmente pelo viés sociológico positivista, ressaltam o risco iminente de marginalização de determinados sujeitos sociais que, por sua vez, coloca outros sujeitos sob a ameaça de serem objeto de violência daqueles – daí a necessidade de prevenção permanente (PÉREZ, 2003 b). Outras, amparam-se nas modernas concepções do direito político à cidadania, e há ainda aquelas justificativas que misturam o senso comum, o conhecimento científico e o religioso, associando conceitos e pré-conceitos o que, na maioria das vezes, serve para discriminar determinados sujeitos através do uso de rótulos como “menores”, “em situação de risco”, “em situação de vulnerabilidade”, entre outros. (ZUCCHETTI; MOURA, 2010, p.10)

Diferentemente desses planos e para além das definições já exploradas, aqui trataremos de uma incorporação da socioeducação que começasse a ser pensada em algumas universidades públicas. Trata-se de trazer a socioeducação para o ambiente acadêmico, principalmente para a extensão, pois universidade tem um papel social muito forte para com a comunidade em seu entorno e permite mais engajamento (SUGAHARA, 2012). Já a extensão, abre portas para a interlocução com o ensino, pesquisa e prática social com grandes potencialidades educativas, pois sua função social é ir para além dos muros e fazer essa aproximação universidade-sociedade, assim, Sugahara (2012), vê uma possibilidade de interlocução da socioeducação atrelada a esse tripé universitário.

Em um trabalho já apresentado<sup>10</sup> ressalto o papel dessa instituição e a extensão na promoção, problematização e elevação dos conhecimentos, práticas e reflexões que são possíveis através do entendimento da socioeducação em comunidades pobres, focalizadas em crianças e jovens, pois “a superação da indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino torna-se factível na medida em que a extensão permite questionar a própria realidade e incitar mudança na atitude de compreender e entender o contexto social.” (SUGAHARA, 2012, p.165). No próximo capítulo trataremos dessa interlocução a partir de um grupo de ensino, pesquisa e extensão, intitulado reaPODERE, atrelado com a socioeducação.

---

<sup>10</sup> Trabalho foi apresentado no CONEDU – Congresso Nacional da Educação – no ano de 2019 com título ” PEDAGOGOS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA SOCIOEDUCATIVA EM UMA COMUNIDADE EM SITUAÇÃO DE POBREZA” que trata sobre um relato de experiência de uma atividade socioeducativa desenvolvida na Estrada Velha – Acarape/CE junto com o grupo de extensão que faziam um trabalho com um grupo de crianças da comunidade.



#### **4. A SOCIOEDUCAÇÃO DA REAPODERE: a inserção da Unilab na comunidade de Acarape/Ce.**

Como já falado anteriormente e investigado em escritos que falam sobre o grupo pesquisado, percebemos, em suas definições, que as atividades desenvolvidas são descritas tomando como foco as crianças da comunidade objetivando ações socioeducativas em perspectiva que descentralizada essa abordagem adultocêntrica de pensar a criança como não produtora de conhecimento (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018). A rede está se inserindo na comunidade desde 2016, com sua inserção comunitária, mas o grupo de crianças a qual estamos focando neste trabalho é a Frente das Crianças, que teve suas ações sendo realizadas desde outubro de 2017 em parceria conjunta com III Ciranda da Criança Paulo Freire<sup>11</sup> do projeto de extensão Afrodita<sup>12</sup>.

Esse recorte da população focando nas crianças foi pensada com base na grande possibilidade e receptividade deles/delas frente ao trabalho da rede. Então iniciou as atividades com as brincadeiras tradicionais, muitas delas até mesmo socializadas dentro da comunidade. Com o passar do tempo, visto o intuito da rede, a proposta ganhou uma nova forma, assim, seu trabalho passou a ganhar uma perspectiva que trabalha ações socioeducativa com foco no sentido de comunidade, no entendimento dessa infância, como é seu processo dentro dessa situação de pobreza e como podem resistir a ela.

O grupo é organizado semanalmente, sempre tentando abarcar o número máximo de crianças da comunidade, sendo corriqueiro o problema da falta de recursos, fazendo com que o trabalho seja pensado utilizando outros meios que não necessitem de muitos materiais. Outra questão que precisa ser visibilizada é a realização de eventos semestralmente com parcerias com outros grupos de extensão e professores promovendo engajamento das crianças e outros membros da localidade.

Assim, as crianças são instigadas pelos extensionistas a refletirem sobre o aprendizado adquirido, com a finalidade de fazer com que elas extraiam o “porquê” e o “para que” das atividades em exercício. Também buscamos trabalhar princípios de pertencimento e comunidade, valores sociais e culturais baseados no respeito que possibilitam a quebra de estigmas e preconceitos pela situação de pobreza a qual vivem. É nesse sentido que procuramos viabilizar as potencialidades dentro do grupo de crianças. (MOURA JUNIOR; LIMA; FERREIRA, 2018, p.439)

<sup>11</sup> Evento que ocorre anualmente provendo atividades com educação intercultural que atua em diversos espaços fora do espaço escolar.

<sup>12</sup> Grupo de extensão que trabalha a formação de professores com foco nas interculturais da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira.

Para entendermos como é pensando esse processo desse grupo e suas principais ferramentas dará maior visibilidade ao entendimento de como é seu trabalho na promoção de resistências de crianças que vivem em situação de pobreza. Nisso, entender suas ações, o que pensam sobre as atividades socioeducativas, seu papel frente a esses desafios causadas pela lógica do capital é de suma importância para pensarmos a reaPODERE como alternativa frente à pobreza e na promoção da educação emancipadora, assim como sua finalidade dentro da comunidade.

O recorte dos participantes da pesquisa se voltou para a Frente das Crianças do grupo reaPODERE. Nessa frente atuam oito (8) pessoas, que se divide em dois grupos para atender crianças da manhã e da tarde, onde atuam na comunidade com no mínimo de duas horas de trabalho cada e no máximo quatro horas, chegando ir somente uma a duas vezes no lócus da ação. Logo abaixo listo informações dos participantes coletadas com nome fictício para não revelar a identidade dos estudantes:

**Tabela 1** – Informações dos participantes da pesquisa

n°	Nome	Formação	Idade	Gênero	Cor/Raça	Semestre	Tempo de atuação
1	Marcos	- Cursando Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades	20 anos	Masculino	Preto	3° semestre	1 semestre
2	Ruth	- Bacharela em Humanidades Cursando Bacharelado em Antropologia	Não informado	Não binário	Amarela	5° semestre	3 anos

3	Maisa	Cursando o Bacharelado em Humanidades	18 anos	Feminino	Parda	5° semestre	10 meses
4	Rebeca	Bacharela em Humanidades Cursando bacharelado em antropologia	23 anos	Feminino	Negra	5° semestre	dois anos e meio
5	Jose	Cursando o Bacharelado em Humanidades	20 anos	Masculino	Amarelo	6° semestre	10 meses
6	Lara	Bacharela em Humanidades - Cursando bacharelado em antropologia	20 anos	Feminino	Negra	3° semestre	1° semestre
7	Ronaldo	Bacharel em Humanidades - Cursando licenciatura em história	25 anos	masculino	Pardo	6° semestre	2 a 3 anos
8	Felipe	Cursando licenciatura em química	18 anos	masculino	Preto	2° semestre	1° semestre

Fonte: acervo do próprio autor (2020)

O primeiro passo da pesquisa foi realizado a partir da autorização do grupo em uma reunião que marcamos no dia 09/07/2020 para pensarmos na possibilidade de estarmos juntos durante um semestre, no caso 2019.2 (Outubro/2019 a Fevereiro/2020), a proposta foi aceita e teve boa adesão. No início do campo, no dia 02/10/2019, realizamos uma reunião somente com o grupo frente das crianças em que seria aplicado a pesquisa. A formatação de como se daria o processo de coleta de dados foi reconfigurado, onde em coletividade pensamos em realizarmos

três formações para os dois grupos da frente e um grupo focal para avaliação e conversa sobre essa trajetória atingida.

A última atividade foi realizada no dia 05/02/2020 na qual feito um grupo focal com os integrantes da frente para avaliarmos os momentos que participamos, desta maneira, conversamos sobre algumas inquietações que ficou ainda pendentes na pesquisa e suas percepções finais sobre a socioeducação, as mudanças ocorridas, as reflexões que ficou e os produtos que saiu a partir da formação, neste dia, de oito (8) integrantes apareceram somente cinco (5).

A partir de agora trarei em tabela os resultados obtidos do grupo focal realizada com os participantes, na qual foi realizado um recorte das perguntas e das falas, pois algumas partes não atendia as finalidades desse trabalho. Definimos esse momento sendo uma conversa onde podemos repensar conceitos, ações, entendimentos e ressignificações proporcionadas pelos debates ocorridos. Então, para compreendermos a heterogeneidade dos participantes, foi perguntado como foi sua entrada dentro da reaPODERE, isso para entender a dinâmica de trabalho, sua permanência e a trajetória do grupo a partir dos participantes.

**Tabela 2** – pergunta destinado aos participantes da pesquisa

<p>Pergunta1: COMO FOI/COMO SE DEU A ENTRADA DE VOCÊS NA REDE, NA FRENTE DAS CRIANÇAS PRINCIPALMENTE NA FRENTE DAS CRIANÇAS?</p>
<p>Rebeca: (...) a minha deu em 2017 por meio... o grupo tinha iniciado a pouco tempo, um ano era ? desde de 2016, e eu entrei 2017, que eu não lembro bem o mês (...) Foi bem simples a avaliação e depois começou direcionado para frente das crianças por causa que ali tinha um deficit e tinha começado, a... começado as atividades lá e ainda estava na parte da entrevista, aplicando o questionário semi-estrutural. Então a parte das Crianças antes das atividades em si, de se se iniciar, tivemos eu ainda entrei na parte onde estava se aplicando questionário, passou um bom tempo nesse período, onde tinha que conversar com os adultos sobre como era a questão lá da comunidade, identificando mesmo, como era a comunidade, a estrutura em si, até começar as atividades da frente das crianças ser um lugar concreto para fazer as atividades</p>

Ruth: eu entrei, eu acho idem igual a Rebeca, nas coisas (...) já tinha um grupo, né? feito em 2016, na qual eles estudavam sobre comunidade, pobreza, estudava sobre várias coisas (...) quem entrou nesse momento foi direcionado com eles, pra entrar na comunidade, fazer os questionários, conhecer a comunidade, tudo que a Rebeca falou aí, né? E daí... pensar o que fazer na comunidade, acho que, é e... se viu que o grupo que as crianças lá eram abertas, né? E tinha a queixa dos Pais falando que não sabia onde botar a Criança, em determinado momento do dia, que ia para a aula depois voltava e não tinha onde ela ficar, ela tava brincando na rua, que tava ali. Então aí começamos pensar no grupo de crianças, né? Já em 2017 mesmo, então aí foi que se iniciou o grupo, ai eu já entrei já no grupo de crianças

Maisa: é estou atuando como extensionista na reaPODERE a 10 meses, eu entrei através do vínculo que eu tive com a reapodere, como pesquMaisa voluntária, na pesquisa do centro comunitário, então foi esse contato que tive com a rede, eu tive interesse, num só pesquMaisa voluntária como também extensionista, então a primeira seleção que teve, foi a primeira oportunidade, depois desse contato que tive com a rede, ai eu entrei através dessa seleção (...)

Jose: entrei na mesma entrada da Maisa que foi, que já fazemos 10 meses de rede, eu me interessei pela rede vendo ações como você participava e a gente morava junto, e vendo outras coisas que o pessoal fazia e postava as parcerias e enfim, tomei conhecimento pelo o instagram e no Facebook pela postagens, achei interessante, ai vim a conhecer também a Maria, que já era duas entradas ou é mais, é, mais velha que a gente e ela começou a incentivar a gente pra, né Maisa? pra participar e para seleção, ai com isso fomos, passamos e agora, eu atuo na pesquisa de base autoritárias, preconceito de raça e classe, atualmente, e desde 2019.1 atuo na frente das crianças, participando da extensão e realizando atividades como mesa de conversas sobre extensão, além da extensão em si, participando na comunidade

Marcos: estou bem recente na rede, participei da última seleção que aconteceu, para novos integrantes, também tive esse processo de conhecer a rede através do Instagram, ver as atividades e as fotos postadas. E aí um outro momento eu tive um momento com a Maria, e ela comentou a respeito das reuniões que aconteciam, e ai cresceu meu interesse e quando surgiu a seleção, eu me submeti, passei e iniciei na frente das Crianças. Eu lembro logo quando a gente iniciou já teve o primeiro contato e essa ta sendo minha primeiro experiência em ter um trabalho direto com crianças, então eu lembro dos primeiros olhares e o primeiro momento quando eu cheguei de ficar assustado, mas também de ficar muito curioso e das emoções que ali que circulavam e a turma. Depois até comentei com o James na primeira comemoração, pós alguma coisa, que a turma é muito unida e sentindo muito assim, então tipo, todas as emoções que eu tive dentro do campo atuando de ir até a estrada velha, o pessoal que já tava atuando da uma segurada, dá uns toque, indicam muitas coisas

além de usar o protetor solar e tá sendo uma experiência muito boa, na frente das crianças, me sinto bem acolhido.

Fonte: acervo do autor (2020)

Como visualizado acima, a rede possui algumas características marcantes que devem ser destacadas: 1º) todos os participantes que atuaram/atuam na frente das crianças passaram por uma seleção a qual tinha que demonstrar seu interesse pelo trabalho desenvolvido e as temáticas estudadas; 2º) O grupo antes de iniciar atuando com crianças realizou uma pesquisa para atender às principais demandas da comunidade, demonstrando a preocupação de uma inserção comunitária que consiga captar as dinâmicas da comunidade, tal como suas necessidades; 3º) o grupo de crianças foi pensado a partir dos pais que não sabiam o que fazer com elas, visto as privações ocasionadas pela pobreza e a receptividade das crianças frente a esses “corpos estranhos”. Nesse ponto, podemos perceber que a atuação partiu da necessidade do adulto que via a criança “sem fazer nada”, ociosa e não como necessidade que parte da criança, mas que podemos perceber a preocupação dos adultos que acreditam que os males da pobreza na vida de crianças e jovens são provocados a partir do ócio; 4º) as linhas de estudos pesquisadas e problematizadas têm como foco “pobreza”, “comunidades”, “relações de preconceito, raça e classe”; 5º) outra observação veio a partir da fala do Marcos que demonstra os afetos ocorridos dentro do grupo e que se estendem na realização das atividades, com a preocupação de sempre orientar o que fazer antes de adentrar em uma comunidade; 6) notamos que o grupo que se encontrava na linha de frente tem uma cronologia de entrada bem diversificada, composto por pessoas que atuam há mais de dois anos e alguns recém chegados.

A partir dessas falas, conseguimos identificar qual é a base teórica utilizadas, pois o grupo já vem estudando os diversos contextos de privações ligadas a pobreza e a diferentes marcadores como raça, relações de preconceito e comunidades. Isso é um diferencial no trabalho, pois já conseguem se inserir na comunidade sabendo dos fenômenos que podem ser marcantes e presentes na vida de crianças, jovens, adultos e idosos. Outro fator que é interessante ressaltar é que mesmo antes de formar o grupo com as crianças a rede já havia tentado se aproximar do local, então é necessário ser realçado a importância de entender a realidade e as demandas específicas que eles e elas vivenciam na sua dinâmica de vida antes mesmo de sua inserção, assim, podemos ter um compromisso com ação social que vão desempenhar posteriormente.

A segunda pergunta tem cunho mais subjetivo, a qual coloca os integrantes como protagonistas de um trabalho realizado dentro da comunidade e como se visualizam na realização desta ação.

**Tabela 3** – pergunta destinado aos participantes da pesquisa

<p>Pergunta2: EU QUERIA SABER COMO AS PESSOAS VEEM A ATUAÇÃO DE VOCÊS NA COMUNIDADE?</p>
<p>Ruth: a gente tá lá uma ou duas vezes por semana, realizamos as atividades socioeducativas e brincando com as crianças, estando lá com as Crianças, mesmo assim a gente não é parte da comunidade (...) Mas eu me vejo assim muito feliz de estar lá, muito contente, muito potente até pra questão de renovação de energias e tudo mais. Assim, realizando um trabalho que é super, dá muito trabalho (...) pensar no que seria bom para elas, pensar que atividades (...) é cansativo, mas vale muito a pena, então assim, eu me sinto ainda no corpo estranho, mas eu me sinto bem estando lá, mesmo vendo todas as coisas que acontece, na comunidade, e tudo mais, assim a gente se sente bem estando realizando esse trabalho e com ele recebendo trabalho e eles postam que gostam da gente lá então isso ajuda bastante.</p>
<p>Jose: (...) é uma energia boa e é uma troca de afeto potente, que as atividades a gente ainda consegue desempenhar de certa forma e as crianças demonstram um carinho e tudo mais, a gente ainda assim se sente um corpo estranho, porque eu sinto os olhares tipo assim "quem será?" porque sempre tem pessoas diferentes e tudo, fluxo de pessoas aumenta, as vezes tem inclusive eu sinto falta de uma criança, que eu não to lembrado o nome agora, mas eu nunca mais vi ela na comunidade.</p>

Rebeca: No meu caso a sensação ela muda conforme a atividade, conforme até o tempo que a gente tá, eu corpo estranho sempre será, porque uma coisa é a gente to lá dois anos e meio, mas só vai uma vez na semana duas vezes na semana e isso faz com que você não seja daquela comunidade, você está presente na comunidade, o que é diferente. Primeiramente, nas primeiras sensações lá, eu gosto eu queria fazer tal coisa porque não entendia bem o contexto então eu gostaria de fazer, era mais o sentimento de assistencialista, de tentar fazer o melhor conforme a atividade, conforme as necessidades da comunidade, depois quando foi começando desenvolver mais atividade, foi entendendo o que é nosso papel enquanto os extensionista, quanto um grupo que tava mais para entender a necessidade e desempenhar algumas atividades, eu fui entendendo que o sentimento ele começou a mudar porque foi entendendo que as atividades que a gente faz, ele tem um sentido, esse sentido é pra fazer com aquelas pessoas têm até uma forma de lazer, porque a maioria do tempo a gente não consegue fazer um trabalho socioeducativo, porque eu acho que ainda a gente tem esse deficit, não tem essa experiência necessária pra uma atividade socioeducativa forte, onde eles vão conseguir tirar uma experiência mais válida, então a gente faz muito uma atividade de lazer pelo menos a maioria do tempo que eu vi era mais isso. Então esse ponto de atividade lazer me dá essa sensação porque as crianças não tem outros meios. Então quando ela nos recebe com alegria, nos denomina como tio e tia, esse sentimento me chega muito bem, chega um sentimento de acolhida, que eles estão nos recebendo.

Maisa: eu acho que por mais que sejamos corpos estranhos, a gente nunca deixa de ser, né? porque a gente passa um tempo, assim na comunidade, é, as vezes uma semana sim e outra não, às vezes duas vezes na semana, mas eu acho que todas as experiências ao longo desses meses tem mostrado que a extensão ela é troca, assim as relações de afeto que a gente se estabelece, assim na extensão é muito incrível e como ai Rebeca falou, puxando um pouco da fala dela, apesar da gente não conseguir ainda desenvolver essas atividades com caráter completamente socioeducativo, mas fechado para essa história do Lazer. Eu acho que já alguma forma a gente tem contribuido (barulho) dessas crianças, através de alguma atividade, a gente pode ver que às vezes a gente não conseguiu alcançar seu objetivo, mas alguma lição ali a gente deixou, então isso é muito legal assim. A estrada velha para mim hoje ela traz muita paz, apesar assim, todo o cansaço físico, mental, porque não é fácil, a extensão não é fácil, todo mundo aqui sabe disso, apesar de todo um trabalho, mas parece quando sai de lá, sai renovado, assim, pelo menos eu me sinto dessa forma, todas as relações de afeto, você ganhar um desenho de uma criança com seu nome, você ser chamada de tia, dizer que ela gosta muito de você, que vai sentir saudades, acho que isso não tem preço, assim, isso foi, ta sendo muito incrível todas essas experiências, assim na comunidade



Marcos: (...) isso leva uma hora ou outra eu ter a sensação de que eu sou um intermediário, eu tenha de que eu sou intermediário pra um abraço, pra um reflexão, como as vezes a gente leva atividades para crianças e elas ficam mais reflexivas, como foi a última a respeito do Funk e esse carinho vindo de uma pessoa externa também é, eu paro e penso que isso seja bom porque eu ainda continuo achando bom, sei lá, uma pessoa externa do meu círculo, é, diário, vir me abraçar e eu poder ter um vínculo com essa pessoa. É uma sensação boa, e ai chego lá e vivencio isso, eu acredito também seja bom para elas, assim como é pra mim. E aí mas sempre com medo de não ter as atitudes de, dessa extensão assistencialista, então continua com esse pé de as atividades que levamos, se elas, se elas são, é levadas pra como assistências, porque era muito do que eu via pelas fotos, ficava "poxa um grupo que faz isso, isso e isso em tal lugar que bacana" e agora desde que eu entrei que via os meninos né? fazendo as primeiras reuniões para pensar nas atividades, eu vi que muito, tudo se parte de lá, eu acho, a primeira coisa também que eu achei bem interessante, de saber "ah! as crianças querem isso, o que as crianças querem? elas querem que atividade? querem que a gente leve o que?" também então eu sinto que a gente uma atividade da comunidade e por isso a gente foge da ideia de assistência, por partir deles, é, se fosse alguns meses anteriores eu não falaria que estava confortável, mas agora to me sentindo confortável na realização das atividades, eu acho que já gera um conforto por saber disso, parte deles e que a gente tá sempre indo lá nas atividades mesmo pontuais recebendo esses, recebendo esses olhares, por isso pensando na proximidade com os pais, mas também recebe muito carinho.

**Fonte:** acervo do próprio autor (2020)

A pergunta direcionada revela que as respostas dadas trouxeram mais reflexões nas falas dos integrantes. Todos concordam que se veem como um “corpo estranho” na comunidade, pois os participantes têm consciência que não pertencem aquele espaço, mas se sentem confortáveis na relação e feedback afetuoso com as crianças participantes da frente, além de estarem satisfeitos com a realização das atividades, o que contraria a lógica de que o trabalho social é angustiante, apesar dos poucos recursos e o pouco tempo estando na comunidade.

Os integrantes da reaPODERE, possuem a ciência do trabalho e tempo de planejamento que precisa ter antes da realização de qualquer intervenção, pois, como comentado, partem de um trabalho que tem foco as crianças, assim, faz-se necessário a observação das dinâmicas dadas na comunidade e fora dela, o que foi destacado na fala de Marcos. Outro ponto importante, é o realce da extensão universitária como pivô motivador, ou o grande guarda-chuva, para realização das atividades socioeducativas. Como visto no capítulo anterior, a extensão tem um papel profundo em ações para além dos muros da universidade e conexão com a comunidade, além do seu papel educador, portanto, a socioeducação tem sido aliada, uma

ajuda nesse processo de acesso e reflexão do trabalho. Assim, “socioeducação, extensão e comunidade é troca”, como afirma Maisa, uma das participantes do grupo focal.

Pensar em que atividades irão levar e para quem levar é um dos pontos de maior importância para o grupo de extensionistas, pois não se realiza um trabalho social sem nenhuma intenção. Vale lembrar o que a Rebeca comenta sobre “entender a necessidade” como motor para pensar ações; desta forma, destaco uma atividade citada como o funk, que foi desenvolvida a partir do que perceberam na comunidade sendo uma potente forma de dialogar com as crianças e jovens da comunidade.

Na fala de uma das integrantes, foi possível revelar alguns problemas que podem ser prejudiciais na realização da atividade e até mesmo no embasamento teórico-metodológico, nela posso citar: 1) falta de experiência na área e a apropriação do conceito de socioeducação; 2) as atividades tem cunho assistencialista e de “lazer” a fim de passar tempo com as crianças; 3) sem planejamento adequado. Destaco outra fala que foi recortada da transcrição de forma separada:

Rebeca: acho que as atividades, ela, como você falou a gente tenta pegar o máximo das demandas deles e as atividades, ela em si, eu sempre senti que a gente podia melhorar alguma coisa, não que a gente não tivesse nosso melhor. Mas que a gente podia fazer um pouquinho mais, na questão de aprendizado, como a questão teórica, que faltava para prática e o local, não ter um local específico, local bom para fazer atividade, faz com ficasse mais complicado aquela atividade que deveria ter uma assistência melhor. Então, a falta de cadeira, as vezes, a falta de alguma coisa que a gente poderia pudesse utilizar (...) nos prejudicava enquanto a atividade. Atividade em si, eu acho que a gente conseguiu com ela uma coisa muito boa que a questão do afeto, ligar as crianças a gente, fazer com que o nosso corpo fosse aceito na comunidade, até por pessoas que não são bem daquela rua, tem pessoas que não sou daquela rua, mas nos se conhece (...)então atividade em si, ela, ela faz muito isso, essa questão do afeto, mas na prática em si, eu acho que, a gente ainda precisa dividir as crianças, em idades, porque também é algo nos prejudica ,ter crianças de várias idades, a gente tentando fazer uma atividade para motivar uma atividade mais reflexiva com crianças de 2 anos, é muito complicado. A questão, Às vezes, do papel, a gente tá muito ligada a questão do Papel sempre botando ele como um plano fundamental enquanto atividade, aí, as vezes, falta outras coisas para poder também levar. Eu acho que a gente também peca nessa outra parte como pintura tem muitas crianças talentosas, cantam, tem criança também que canta, a dança também ela é utilizado muito como instrumento de eventos, mas eu acho que daria da gente utilizar ele como, como momento de atividade, eu acho mais ou menos isso.

Para além das questões de falta de materiais e estrutura física para realização das atividades, é importante destacar dessa fala “o afeto” que foi citado inúmeras vezes pelos integrantes. Podemos ver isso como uma tentativa de criar laços positivos dentro da frente e na

comunidade, fazendo com que crianças se sintam fazendo parte de algo. Outra fala, é a motivação que os mesmos têm em se aperfeiçoar na prática e na teoria, mesmo tendo consciência que seu trabalho até um determinado período não tinha um status definido, mas pelos discursos proferidos aqui, de maneira geral, tentam atender a “questão social” da população infantil daquele território, seja com atividades assistencialistas e de lazer ou através de ações socioeducativas pensadas, buscando sempre trazer uma reflexão e ou um ensinamento.

Podemos perceber as inúmeras barreiras enfrentadas no trabalho social na qual os indivíduos vão a campo, mas os destaques nas potencialidades são incontáveis e isto é percebido no decorrer das atividades de pintura, canto e dança que são elaboradas pela equipe. São essas as observações que devem ser tomadas e voltada como intervenções para que se criem formas alternativas contra pobreza.

A pergunta a seguir completou duas discussões para que pudessem relacionar suas atividades desenvolvidas com o tipo de socioeducação pensada na própria reaPODERE para ser aplicada com crianças em zonas pobres.

**Tabela 4** – pergunta destinado aos participantes da pesquisa

<p>Pergunta3: COMO SE DÁ AS ATIVIDADES DE VOCÊS COM AS CRIANÇAS E COMO DEFINEM A SOCIOEDUCAÇÃO DA reaPODERE?</p>
<p>Rebeca: a questão das atividades com as crianças, eu acho que primeiramente como já foi dito, a gente pensa a partir do que vê, com o que acontece com as crianças, a qual é o público que a gente tem. Tem um cabelo cacheado, tem cabelo crespo, a são crianças que estão sofrendo determinado de gênero, até de sexualidade como já aconteceu, ou seja, a partir dessas coisas que a gente pega a parte da nossa percepção, gente tenta pensar atividades para poder colocar em prática. Muitas vezes, como falta, a gente não tá ali sempre, como uma escola, a escola está pelo menos cinco dias na semana, a gente tá um a dois dias, 2 horas, 4 horas no máximo na semana. Então naquele tempo a gente tem que levar alguma coisa para pensar ali com elas e ver o que é que dá, porque acaba. Então, né? isso, a gente percebe, pelo menos eu percebo muito, que o que ela tem de conhecimento é muito partir dos adultos, elas vêem alguma coisa com adultos e elas produzem desde pequenininha, a menor saber falar sobre a questão da polícia, a maiorzinha sabe falar sobre outras questões e isso vai a partir da idade que a criança vai crescendo e a questão da socioeducação, eu... vou refletir um pouco mais, depois eu falo (... )eu acho que a nossa socioeducação, lembrando o que tu trouxe na formação que é</p>

ligado com escola com outros fatores, a gente é muito meio que a gente, tem as parcerias para poder colaborar nessas atividades, mas a maioria do tempo é a gente como extensionista, a partir das nossas formações que é interdisciplinar e a partir do nosso olhar do que a gente aprende em sala, das discussões que tido aqui na UNILAB, que a gente tenta trazer, fazer essas discussões e a partir daí trazendo essa perspectiva socioeducativa para elas, a partir das atividades que a gente percebeu que era mais eficaz, chegava mais a elas, que a questão de pinturas, de brincadeiras, que elas mesmo falavam, mas a gente tentando fazer da melhor forma para poder ainda fazer uma pequena discussão sobre brincadeiras antigas, sobre outras formas

Jose: a gente atua de forma diferente, do realmente é a socioeducação a partir dos autores, enfim, dos conceitos. A gente pratica diferente, a gente tentou adaptar pra realidade, porque mesmo pegando essa questão do pouco assistencialista e de lazer, como botado anteriormente, a gente adaptou pras demandas que a comunidade trás e as crianças tinham, como a Rebeca falou, sobre cabelo, sexualidade, raça, cor, enfim, a gente tenta trazer é... da melhor forma que a gente pode está tentando trazer, ne? está fazendo extensão da melhor forma que a gente pode e eu caracterizo isso como adaptação, porque a partir da capacitação a gente está tentando seguir um outro rumo a partir do próximo semestre né? tenta se planejar de forma diferente, enfim, mas eu vejo como é, uma adaptação da socioeducação, não socioeducação em si, como foi comentado, mas a gente está tentando chegar lá (...) a gente tenta potencializar coisas que estão lá na comunidade, que gente vê que tem o potencial de protagonismo da criança, atividades por exemplo, como o balé, a dança, o funk, a capoeira, krav maga, a gente tenta potencializar coisas e fazer com as crianças gastem energia de uma forma que a gente vê pode ser, de frutos positivos, mesmo negativos, mas a gente tenta analisar essa questão e desenvolver para potencializar e dá protagonismo, não que elas já não tenham, mas tenta reforçar essa questão

Marcos: socioeducação pretende é... desenvolver o protagonismo, a gente de da é... dá não, mas desenvolver esse protagonismo e desenvolver esses novos olhares de dizer "olha aqui tem um desvio que te leva a um outro caminho do que essa realidade" a gente também produz uma coisa que eu acho fundamental, que já foi falado muito dentro da ideia de sentimentos e emoções, que é essa capacidade de fortalecimento das emoções, eu acho que além do protagonismo que a gente consegue desenvolver dentro das atividades, a gente consegue desenvolver um fortalecimento das emoções e eu acho fundamental, porque esse espelho que a criança tem de o adulto sempre, ela vai tendo isso de... de se espelhar numa pessoa mais velha e que faz determinadas atividades que ela reproduzir, mas eu me pergunto "e quando ela chega nesse patamar? Se ela vai ter essa força emocional para dizer, olha eu consigo hoje desenvolver isso, mas não desenvolvo bem, desenvolvo mais ou menos e aí desenvolve ansiedade e tantas outras coisas. Eu acho que a gente consegue ter essa ideia do protagonismo e atrelado no fortalecimento da emoção pra criança

Ruth: eu acho que tipo assim, um ponto que tem na educação, mas eu não lembro exatamente onde estava lá o pontinho (risos), mas é, é muito de falar da pessoa se ver na situação de se enxergar lá e de se ver como você e trabalhar isso também, tipo assim, algumas atividades da gente, que a gente faz na comunidade são levadas para isso, a questão do funk, a gente queria que elas olhassem e percebessem que tipo de música vocês dançam e se olhar dentro daquela letra, dentro daquela música, daquele ritmo daquela batida, a gente trabalhou a questão que foi questão de cor, levamos um filme para elas se desenharem depois, desenharem que são as pessoas em volta delas e elas desenharam, elas tiveram, foram lá e desenharam, "não, eu sou negra" "não, eu sou branca" e foram lá se desenharam de várias cores, até mesmo a pequeninha desenharam várias pessoas de várias cores, chegou até ela, essa questão também, e ela pensou também sobre isso, então a gente tem, a gente trabalha essa questão delas se verem, não é tanto, mas questão de família para olhar a família delas, a família de outras pessoas e pensar sobre questão de família, sobre questão de gênero, então a gente tá trazendo essas coisas, trazendo esses pontos, que gente veio mesmo a comunidade, como o pessoal falou. a gente ver as questões da comunidade e a gente tem que trazer de alguma forma para elas, né?

Maisa: o que eu acho extremamente interessante, foi logo no começo, que foi a questão (barulho) que eu acho que está ligado diretamente com socioeducação, inclusive teve uma vez, no momento de atividade, eu falei alguma coisa e ela automaticamente que não bateu muito com que a gente ensinava nas regrinhas de educação e automaticamente "tia, não pode falar isso, olha as regrinhas", "as regrinhas de convivência". Então é muito legal vê esse reflexo, assim, de que alguma forma a gente tem deixado isso através das atividades e tudo, é muito interessante e outra coisa que queria ressaltar que eu acho que os fatores externos, a professora tinha até comentado isso comigo, que os fatores externos, pelo fato da gente ir até a comunidade ao que interfere muito nas nossas atividades, que eu acho que às vezes tem sido é assim... que o problema tenha sido esse, que ela tinha comentado também, por exemplo, ela foi comigo acompanhando de extensão, que a gente fez que era pra passar um filme, aí por exemplo, a mãe, ela tá aqui concentrada no filme, mas mãe precisa de ajuda ali dentro, aí pega e chama aí é essa falta de atenção de concentração nas atividades, eu acho que esses fatores estão interferindo muito, mas algo que vai sendo trabalhado ao longo do tempo e eu acho que ele tem conseguido alcançar, assim, nossos objetivos, mesmo que tenha sido todas as vezes, mas tem deixado muitas lições na comunidade, assim...

Fonte: acervo do próprio autor (2020)

Sobre as atividades, notamos o fator cultural muito forte na elaboração das ações, aqui podemos citar Krav Maga, Balé, as brincadeiras antigas, porém, quero dar destaque a intervenção que foi trabalhado a letra de funk, pois foi uma temática pensada a partir da comunidade, assim foi abordado as questões de gênero vinculadas as letras, como as crianças

se veem nesse contexto e suas variações no Brasil. Pelas falas enfatizadas, vislumbramos para além disso, a realização de atividades para entender a própria família, a construção regras e a importância de segui-las, quem são eles e elas no mundo através de sua cor, raça e gênero e como elas expressam suas emoções, ou seja, o trabalho de identidade.

Sobre como definem a socioeducação, podemos perceber como que ela foi pensada dentro desse contexto de extensão universitária, assim, a partir da conversa destacamos os seguintes pontos para caracterizarmos esse conceito apropriado, ou adaptado, pelos extensionistas: 1) as atividades têm foco a realidade das crianças, então se observa-se seu gênero, cor, o que escutam e o que fazem para retornarem como atividades, adaptando ao contexto vivido; 2) Assim como a escola tem suas parcerias com assistência social e saúde, a extensão socioeducativa da reaPODERE possui ligações e atividades com outros grupos de extensão da UNILAB; 3) A socioeducação como atividade reflexiva; 4) tem proposta de potencializar e reforçar o protagonismo das crianças frente aos seus talentos, seja na dança, na pintura, na luta dentre outros campos artísticos e culturais; 5) possibilita a ampliação dos olhares acerca do mundo e suas possibilidades frente a ele; 6) tem foco o fortalecimento das emoções. Então podemos inferir que a extensão socioeducativa da reaPODERE configura-se como atividades que articulam universidade-comunidade a fim de propor reflexão e potencializar o desenvolvimento do protagonismo de crianças levando em conta seus marcadores e contextos sociais articulando-se com outras entidades que se preocupam com a “questão social” causada pela acumulação do capital apontando alternativas a pobreza através da cultura, o entendimento de si e das emoções.

Portanto, o trabalho analisado aqui é bastante importante que seja um espelho para outros grupos de extensão, pesquisa e ensino, pois percebemos a preocupação que o trabalho social deve ter na vida do indivíduo que é privado de ter acesso a esse tipo de informação em espaços formais de escolarização. Apesar de acreditarem que não realizam um trabalho com cunho totalmente socioeducativa, os mesmos se encontram no caminho para que concretize mais atividades voltadas para esse âmbito de forma mais objetiva e planejada. O último ponto percebido foi a educação social com foco para o entendimento de si e do outro, em atividades que fazem sentido para elas serem desempenhados.

Mediante ao que já foi discutido até aqui, é necessário darmos a devida importância de retornar o direito básico da criança, principalmente a educação, desta forma, destaco o art. 242, § 1º do Estatuto da Criança e do Adolescente que trata sobre seguridade em que as escolas

devem ter para com a criança a fim de fincar com sua permanência na instituição sem nenhuma discriminação, negligência, tratamento vexatório, preconceito e estereótipos. É através da educação que conseguimos ter acesso e contato com os mais diversos conteúdos acumulados pela humanidade. Assim, assegurando essa educação formal de forma efetiva podemos quebrar a lógica do capital que é atravessada na sociedade para finalmente darmos a autonomia no sentido de formar para vida e não tão somente para mercado de trabalho (MESZÁROS, 2008). Desta maneira, como aponta Silva (2008), é através da educação que possibilitaremos a formação humana do indivíduo, promovendo a mediação dos mais diversos conhecimentos acumulados pela humanidade e não nessa limitação de saberes, sem que haja uma reflexão sobre o seu redor e impedindo que conheça sobre sua própria identidade

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância fazer o caminho de volta das discussões aqui lançadas para concluirmos esse trabalho. Trouxemos a temática sobre a socioeducação e a reAPODERE na qual entendemos que a gênese ou o início desse fenômeno social em nossa sociedade e como ela se constitui hoje, desta maneira, lançamos a necessidade de compreendermos que não existe somente uma forma de entender a pobreza em nossa sociedade, dependendo da vertente o trabalhador é culpabilizado pela sua condição social e a miséria a qual vive, e em outras, iniciamos o entendimento do aprofundamento da pobreza na sociedade capitalista, ilustrando os principais agentes que são responsáveis pela produção e reprodução da pobreza na sociedade do capital.

Nesse sentido, abordamos a revolução industrial que ocorreu na Inglaterra no século XIX e acumulação do capital em consonância com acumulação da miséria como um dos principais motivos para o aprofundamento do pauperismo de trabalhadores. Os mecanismos que os capitalistas arranjaram para obter capital é desumanizador contra quaisquer melhorias de trabalho, ou seja, ao invés de investir e valorizar o operariado com aumentos de salários a partir da acumulação de capital, o que ocorre em muitas das vezes, é a liberação dos trabalhadores ativos para contrato cada vez mais precarizado do “exército industrial de reserva” (Marx) com baixos salários, garantindo minimamente sua sobrevivência. Assim, utiliza-se de vários discursos para desfocar atenção das suas ações, como, por exemplo, o “trabalho dignifica o homem” ou usa a baixa qualificação do trabalhador para culpá-lo pela sua condição de existência, além de criar mecanismos para a exclusão total dos grupos mais afetados como as crianças, idosos, mulheres, mulheres negras (em maioria aos homens negros e mulheres brancas), pessoas moradoras de rua, deficientes e trabalhadores que se acidentaram nas grandes fábricas, dentre outros. Foi a partir desses fatores que fez com que trabalhadores lutassem por melhores condições de vida e trabalho, criando alternativas como a assistência social para pensar e a problematizar a “questão social” causada pela acumulação do capital.

Compreendemos que esse fenômeno percorreu por todos os países que intensificaram o processo de industrialização dos grandes centros urbanos, mas no Brasil, sendo um país em desenvolvimento, a pobreza ganha proporções extremas, pois temos a marca da desigualdade social ainda alarmante, principalmente a de classe, causando grande exploração dos trabalhadores. Notamos que os marcadores de desigualdade são medidos de diversas formas, dentre eles podemos observar a de classe, moradia, nutrição, informação, acesso, oportunidade,



saúde, educação, faixa etária, cor, gênero e sexualidade. São essas privações que fazem a diferença na vida do brasileiro, principalmente da região Nordeste do Brasil. É com a Constituição Federal de 1988 que vemos a esperança de mudanças no cenário da pobreza no território brasileiro, pela sua obrigatoriedade de criar políticas de acesso para pessoas pobres, assim, nos anos 2000 temos os exemplos de programas assistencialistas, como Bolsa Família, como uma das políticas de transferência de renda já criadas e a educação formal como forte aliada na transformação na vida da população.

Antes de discutirmos a relação pobreza e educação, discutimos o conceito de infância pobre para entendermos a importância da educação formal para esse público que, mesmo dada em “doses homeopáticas”, é uma das formas de acesso aos direitos básicos para se ter uma vida com dignidade, visto sob uma óptica de reparação história de exclusão e negação de sua condição social. A criança pobre vive o preconceito, estigmatização e a negação de sua existência em diversos espaços, nesse processo podemos perceber as sequelas que ainda continua a persistir dentro da sociedade que reforça o ciclo da pobreza por várias gerações. Portanto, a educação se apresenta como o mecanismo que será responsável na transformação de sua vida, em busca de quebrar essa lógica maçante na vida desses pequenos. O papel da educação pública formal como grande promotora de acesso aos mais diversos equipamentos sociais como saúde e assistência social, além de promover a transformação social, tem sido fortemente sucateada e o desafio da escola em atender todas as especificidades causadas pela pobreza.

Como alternativa a essa demanda, foi criada pela assistência social, um mecanismo que foi definido como socioeducação, uma ferramenta teórica-metodológica, técnica-operativa e político-pedagógico na qual busca elevar o estímulo à educação escolar de crianças pobres com o intuito de promover a transformação social. A socioeducação foi criada no intuito de unir o fator educação com política de proteção social para crianças e jovens que se encontram em vulnerabilidade social, sendo um forte equipamento para ajudar na permanência na escola e garantir direitos básicos não assistidos por outras instituições. Ela tenta trabalhar questões sociais, pessoais, intelectuais através de atividades lúdicas, de cunho pedagógico e transformador, a qual tenta fazer com que o indivíduo consiga enxergar-se ativamente no meio social, sentir-se pertencente a ela e como produtora de cultura.

Como visto, a socioeducação começa a ser apropriada por diversas instituições e a Universidade é uma entidade que começa a ganhar espaço dentro desse meio, pois através da extensão é possível a promoção atividades socioeducativas que possibilita transformação social. Diante disso, a investigação privilegiou um grupo de extensão da UNILAB intitulado

reaPODERE para conversar sobre suas estratégias de trabalho com crianças e percebemos que apesar de não sentirem que realizam um trabalho de cunho totalmente socioeducativo, pelas falas proferidas, os integrantes conseguem enxergar as crianças dentro de um espaço, de um contexto, que são produtoras e reprodutoras de comportamentos sociais. As atividades são pensadas a partir das falas e da realidade da criança. Percebemos que a socioeducação dentro da universidade, nesse caso, ganha um papel secundário dentro da extensão, mas que não apaga e não esquece seu papel educador frente a realidade das crianças a qual estão trabalhando. Assim, entendemos que a universidade potencializa os estudos sobre a área por se tratar de um espaço que problematiza, observa e cria novas formas e possibilidades de enfrentamentos à pobreza, essa rede não é diferente, através das atividades desempenhadas e pelos afetos que correm, notamos a efetivação das atividades e as mudanças que ocorre aos poucos.

Foi possível compreendermos que o grupo continua evoluindo e construindo novas formas de promover a extensão e a socioeducação, apesar de ainda persistir alguns déficits que ocorria quando era integrante, mas vemos a possibilidade em transformá-los de forma que assista às crianças de forma satisfatória, desta maneira, vale lembrar que estamos falando de um grupo que se iniciou em 2017, portanto, ainda há vários caminhos para trilhar e aperfeiçoar.

A pesquisa aqui teve que tomar alguns recortes e alguns dados tiveram que ser repartidos para trabalhos futuros, pois ainda há informações que merecem ser analisadas de forma mais detalhada. Concluímos que precisamos dar mais visibilidade às pesquisas de cunho social voltadas para o campo da educação em espaços formais e não formais vinculadas a categoria pobreza, pois entendendo esses fenômenos dialogado com as privações ocasionadas pela lógica do capital, podemos compreender os caminhos que ainda são necessários para chegarmos em um lugar de promoção de equidade para população infantil do Brasil. Também se faz necessário pensar a extensão como espaço de pesquisa e de transformação que transcende os muros das universidades chegando em zonas periféricas e atingidas pela pobreza para mudarmos os cenários e realidades de milhares de crianças e jovens que estão sendo negligenciados e não assistido pelo poder público, seja na escola ou em outro espaço que tem a obrigatoriedade de atendê-la. Não é, ainda, o horizonte que almejamos, pois compreendemos que o sistema capitalista em sua lógica desumanizadora não dará as condições para a transformação social que prime pela vida de todas as pessoas, mas é uma forma de manter a vida e lutar pelo nosso espaço no mundo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas.** *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 95-103, 2010.
- ARRUDA, B. K. G; ARRUDA, I. K. G. **Pobreza e desenvolvimento humano.** *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 7 (4): 457-460, out. / dez. 2007.
- BENELLI, S. J; ROSA, A C. **Para uma crítica da razão socioeducativa em entidades assistenciais.** *Estudos de Psicologia*, 28(4), 539-563, (2011).
- CASTRO, L. R. de. **Ir além dos direitos? Emancipação e política no campo da infância e juventude.** *Saúde e Direitos Humanos*, v. 7, p. 147-158, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- CRESPO, A. P. A; GUROVITZ, E. **A pobreza como um fenômeno multidimensional.** *ERA eletrônica*, vol. 1, no. 2, p. 1 – 12, jul-dez. 2002.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativas, quantitativos e mistos;** tradução Magda Lopes; consultoria supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. – Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FAERMANN, Lindamar Alves; DANNÚBIA Aparecida Nascimento. **Reflexões sobre o trabalho socioeducativo no âmbito da política de assistência social.** *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.48, p. 153-167, jul./dez. 2016.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Penso, 2013.
- GENTILI, Pablo. **Direito à Educação e as dinâmicas de exclusão da América Latina.** *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1059-1079, set./dez., 2009.
- KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. do. (Orgs.) **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 13-23.
- LIBÂNEO, J.C. *Didática.* São Paulo: Cortez, 1994
- PALACIOS, J; HIDALGO, V. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, C.; MARCHESI, A; PALACIOS, J (org). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 252 – 267
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** 2ed., São Paulo: Boitempo, 2008.

MOURA Jr, J. F M; SARRIERA, J. C. Práticas de resistência à estigmatização da pobreza: caminhos possíveis. In: XIMENES, V. M. et al (org). **Implicações Psicossociais da Pobreza: diversidade e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. P. 263 – 288.

MOURA JUNIOR, J. F; LIMA, A. A. de S; FERREIRA, F. G. S. Infâncias em situação de pobreza: relatos de experiências interseccionais da extensão universitária na Estrada Velha-Acarape/CE. In: SILVA, G. C e; OLIVEIRA, E. R. **Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas** (org.). Fortaleza: Imprece, 2018. p. 434- 448.

PIMENTEL, Edlene. **UMA “NOVA QUESTÃO SOCIAL”?** Raízes materiais e humano-sociais de ontem e de hoje. 2.ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

PAIVA, G. S. de. **Desenvolvimento neuropsicomotor infantil: fatores determinantes na pobreza**. Recife. 2009. 98 folhas: il., tab. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCS. Saúde da Criança e do Adolescente, 2009.

SÃO PAULO (a). **Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens: Igualdade com direito, diferença como riqueza**. Caderno 1: Conceitos e políticas. / CENPEC – São Paulo :SMADS; CENPEC; Fundação Itaú Social, 2007.

\_\_\_\_\_ (b). **Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens: Igualdade com direito, diferença como riqueza**. Caderno 2: Conceitos e políticas. / CENPEC – São Paulo :SMADS; CENPEC; Fundação Itaú Social, 2007.

SARRIERA, J. C. et al. **Sentido de comunidade como promotor de bem estar em crianças brasileiras**. Rev. interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology (IJP), vol. 50, no. 1, p. 106-116. 2006.

Senado Federal (BR). Constituição da República Federativa do Brasil:1998. São Paulo (SP): Atlas; 1988.

SILVA, M.R. **Teoria do currículo e teoria crítica da sociedade: elementos para (re)pensar a escola**. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande, 14(28): 88-101, Jul.-Dez., 2008.

SILVA, M. O. da S. e. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira**. Rev. Katál. Florianópolis v. 13 n. 2 p. 155-163 jul./dez. 2010.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. O debate sobre a pobreza: questões teórico-conceituais. Revista de Políticas Públicas, v.7, n.2, p.233-253, 2003.

**SOUZA, L. P. de. Políticas sociais: a análise da eficácia do programa bolsa família para a redução dos índices de pobreza no período do governo lula**. Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira Santana. 2013.

SUGAHARA, C. R. A extensão universitária como ação socioeducativa. Revista Conexão: UEPG, vol. 8, núm. 2, jul-dez, pp. 167-169. 2012.

YANNOULAS, S. C.; ASSIS, S. G.; FERREIRA, K. M. Educação e pobreza: limiares de um campo em (re)definição. Revista Brasileira de Educação. V 17, n 50, p.329-352, maio-ago, 2012.

YAZBEK, M. C. **A pobreza e as formas históricas de seu enfrentamento.** Rev. Pol. Públ., v. 9, n. 1, p.217-228, jul./dez. 2005.

ZUCCHETTI, D. T; MOURA, E. P. G. de. **Práticas socioeducativas e formação de educadores:** novos desafios no campo social. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 66, p. 9-28, jan./mar. 2010.

## ANEXO

Dia 5 de Fevereiro de 2020 às 14:43 às 14:43 da tarde, né? Vamos dar início ao grupo focal.

entrevistador: Boa tarde, gente

entrevistados: boa tarde

entrevistador: como já disse, já as orientações anteriormente, sobre ser um grupo focal, né? mas, levem como uma roda de conversa, a gente só vai tá aqui pra conversar, não é uma avaliação (barulho) não quero tá impondo coisas a vocês, é pra mais a gente avaliar nossas ações, nós mesmos, enfim, até mesmo a nossa formação

Entrevistador: Então como primeira pergunta eu queria saber como foi/como se deu a entrada de vocês na rede, na frente das crianças principalmente na frente das crianças? para saber um pouco da sua trajetória, pra ver... que cada um teve uma história um.. uma entrada diferente, ne? então é muito importante tá com isso documentado, seria interessante.

Rebeca: é melhor cada falar o nome não? pra depois tu decorar o nome, pra te ajudar também então. A minha entrada foi Diferentemente das outras seleções, começaram a se aplicar a minha deu em 2017 por meio... o grupo tinha iniciado a pouco tempo, um ano era? desde de 2016/2016 e eu entrei 2017, que eu não lembro bem o mês, não lembro dele. Foi bem simples a avaliação e depois começou a direcionado para frente das crianças por causa que ali tinha um déficit e tinha começado, a... começado as atividades lá e ainda estava na parte entrevista, aplicando o questionário semi estrutural, então a parte das Crianças antes das atividades em si, de se se iniciar, tivemos eu ainda entrei na parte estava se aplicando questionário, passou um bom tempo nesse período, onde tinha que conversar com os adultos sobre como era a questão lá da comunidade, identificando mesmo, como era a comunidade, a estrutura em si, até começar as atividades da frente das crianças ser um lugar concreto para fazer as atividades, meu nome é Rebeca.

Ruth: ai eu (risos)... meu nome é Ruth e eu entrei, eu acho idem igual a Rebeca, nas coisas, a gente, a gente entrou nessa parte para 2017, tava lá, já tinha um grupo, né? feito em 2016, na qual eles estudavam sobre comunidade da pobreza, estudava sobre várias coisas, coordenado pelo o James, e a gente entrou e a gente foi direcionado como eu já tinha começado até uma caminhada Comunitária e tudo mais a gente a... quem entrou nesse momento foi direcionado com eles, pra entrar na comunidade, fazer os questionários, conhecer a comunidade, tudo que a Rebeca falou aí, né? E daí... pensar o que fazer na comunidade, acho que, é e... se viu que o grupo que as crianças lá eram abertas, né? E tinha o queixa dos Pais falando que não sabia, onde botar a Criança, em determinado momento do dia, que ia para a aula depois voltava e não tinha onde onde ela ficar ela tava brincando na rua, que tava ali. Então aí começamos pensar no grupo de crianças, né? Já em 2017 mesmo, então aí foi que se iniciou o grupo, ai eu já entrei já no grupo de crianças.

Entrevistador: mais alguém?

Maisa: eu sou a Maisa, é tou atuando como extensionista na reaPODERE a 10 meses, eu entrei através do vínculo que eu tive com a reapodere, como pesquMaisa voluntária, na pesquisa do centro comunitário, então foi esse contato que tive com a rede, eu tive interesse, num só pesquMaisa voluntária como também extensionista, então a primeira seleção que teve, foi a primeira oportunidade, depois desse contato que tive com a rede, aí eu entrei através dessa seleção, enfim, já fazem 10 meses, atuei na frente das crianças até hoje durante esse período e é isso.

Jose: meu nome é Jose, entrei na mesma entrada da Maisa que foi, que já fazemos 10 meses de rede, eu me interessei pela rede vendo ações como você participava e a gente morava junto, e vendo outras coisas que o pessoal fazia e postava as parcerias e enfim, tomei conhecimento pelo o instagram e no Facebook pela postagens, achei interessante, aí vim a conhecer também a Sajila, que já era duas entradas ou é mais, é, mais velha que a gente e ela começou a incentivar a gente pra, né Maisa? pra participar e para seleção, aí com isso fomos, passamos e agora, eu atuo pesquisa base autoritárias, preconceito de raça e classe, atualmente, e desde 2019.1 atuo na frente das crianças, participando da extensão e realizando atividades como mesa de conversas sobre extensão, além da extensão em si, participando na comunidade.

Marcos: Eu sou Marcos e estou bem recente na rede, participei da última seleção que aconteceu, para novos integrantes, também tive esse processo de conhecer a rede através do Instagram, ver as atividades e as fotos postadas. E aí um outro momento eu tive um momento com a Sájila, e ela comentou a respeito das reuniões que aconteciam, e aí cresceu meu interesse e quando surgiu a seleção, eu me submeti, passei e iniciei na frente das Crianças. Eu lembro logo quando a gente iniciou já teve o primeiro contato e essa tá sendo minha primeiro experiência em ter um trabalho direto com crianças, então eu lembro dos primeiros primeiros olhares e o primeiro momento quando eu cheguei de ficar assustado, mas também de ficar muito curioso e das emoções que ali que circulavam e a turma depois até comentei com o James na primeira comemoração, pós alguma coisa, que a turma é muito unida e sentindo muito assim, então tipo, todas as emoções que eu tive dentro do campo atuando de ir até a estrada velha, o pessoal que já tava atuando da uma segurada, dá uns toque, indicam muitas coisas além de usar o protetor solar e tá sendo uma experiência muito boa, na frente das crianças, me sinto bem acolhido.

Entrevistador: rememorando essa questão de tá lá na comunidade, né? dando os primeiros passos, nosso primeiro contato, né? vocês como extenEu queria saber como veem a atuação de vocês na comunidade em si? Como é que você, qual seu papel lá dentro, né? sionista, como vocês já falaram, como vocês veem esse corpo de vocês nessa atuação na comunidade?

Ruth: é um corpo estranho ainda, né? eu vou me colocar como ainda um corpo estranho, porque querendo ou não a gente a gente não faz parte da comunidade né? a gente tá lá uma ou duas vezes por semana, realizamos as atividades socioeducativas e brincando com as crianças, estando lá com as Crianças, mesmo assim a gente não é parte da comunidade ainda, ainda não não é né parte da comunidade, porque é duas vezes uma vez e a comunidade é o dia todo, a semana toda, o mês todo, o ano, a vida toda, então é...

Mas eu me vejo assim muito feliz de estar lá, muito contente amigo, muito potente até pra questão de renovação de energias e tudo mais assim e realizando um trabalho que é super dá muito trabalho realizado o trabalho (risos) pensar no que seria bom para elas pensarem que atividades pensar com tudo mais para tá lá para com eles assim da um trabalho, é cansativo, mas vale muito a pena, então assim, eu me sinto aí no corpo estranho, mas eu me sinto bem estando lá mesmo vendo todas as coisas que acontece, na comunidade, e tudo mais, assim a gente se sente bem estando realizando esse trabalho e com ele recebendo trabalho e eles postam que gostam da gente lá então isso ajuda bastante.

Jose: pegando a fala da Ruth, dando continuidade no caso, eu também, sempre noto que a gente venha em certos horários, mesmo como a Ruth é veterana aqui, veterana de guerra (risos), ela mesmo estando a muito tempo, indo a campo várias vezes, entrando na comunidade, ela se sente um corpo estranho, quem dirá eu com míseros 10 meses, a gente sente os olhares, mas da mesma forma que ela falou que é uma energia boa e é uma troca de afeto potente, que as atividades a gente ainda consegue desempenhar de certa forma e as crianças demonstram um carinho e tudo mais, a gente ainda assim se sente um corpo estranho, porque eu sinto os olhares tipo assim "quem será?" porque sempre tem pessoas diferentes e tudo, fluxo de pessoas aumenta, as vezes tem inclusive eu sinto falta de uma criança, que eu não to lembrado o nome agora, mas eu nunca mais vi ela na comunidade.

Rebeca: No meu caso a sensação ela muda conforme a atividade, conforme até o tempo que a gente tá, eu corpo estranho sempre será, porque uma coisa é a gente to lá dois anos e meio, mas só vai uma vez na semana duas vezes na semana e isso faz com que você não seja daquela comunidade, você está presente na comunidade, o que é diferente. Primeiramente, nas primeiras sensações lá, eu gosto eu queria fazer tal coisa porque não entendia bem o contexto então eu gostaria de fazer, era mais o sentimento de assistencialista, de tentar fazer o melhor conforme a atividade, conforme as necessidades da comunidade, depois quando foi começando desenvolver mais atividade, foi entendendo o que é nosso papel enquanto os extensionista, quanto um grupo que tava mais para entender a necessidade e desempenhar algumas atividades, eu fui entendendo que o sentimento ele começou a mudar porque foi entendendo que as atividades que a gente faz, ele tem um sentido, esse sentido é pra fazer com com aquelas pessoas têm até uma forma de lazer, porque a maioria do tempo a gente não consegue fazer um trabalho socioeducativo, porque eu acho que ainda a gente tem esse déficit, não tem essa experiência necessária pra uma atividades socioeducativas forte, onde eles vão conseguir tirar uma experiência mais válida, então a gente faz muito uma atividade de lazer pelo menos a maioria do tempo que eu vi era mais isso. Então esse ponto de atividade lazer me dá essa sensação porque as crianças não tem outros meios, então quando ela nos recebe com alegria, nos denomina como tio e tia, esse sentimento me chega muito bem, chega um sentimento de acolhida, que eles estão nos recebendo, além disso, das crianças, têm os adultos, os adultos eles vão derivar conforme a nossa aproximação com eles, se você tá um pouco mais longe, eles vão nos olhar com olhar mais estranhamento, parece que você nunca falou na vida, mesmo que você tenha falado, se você tem um contato mais próximo eles vão receber como as crianças como um abraço até com tio e tia, dependendo da atividade eles podem estar nos chamando também,



como já aconteceu, então esse sentimento, a comunidade em si, ela realmente desempenha, me dá um sentimento alegria, em estar desempenhando atividade lá

Maisa: eu acho que por mais que sejamos corpos estranhos, a gente nunca deixa de ser, né? porque a gente passa um tempo, assim na comunidade, é, as vezes uma semana sim e outra não, às vezes duas vezes na semana, mas eu acho que todas as experiências ao longo desses meses tem mostrado que a extensão ela é troca, assim as relações de afeto que a gente se estabelece, assim na extensão é muito incrível e como a Rebeca falou, puxando um pouco da fala dela, apesar da gente não conseguir ainda desenvolver essas atividades com caráter completamente socioeducativo, mas fechado para essa história do Lazer. Eu acho que já alguma forma a gente tem contribuído (barulho) dessas crianças, através de algumas atividade, a gente pode ver que às vezes a gente não Conseguiu alcançar seu objetivo, mas algumas lição ali a gente deixou, então isso é muito legal assim. A estrada velha para mim hoje ela ela tá trás muita paz, apesar assim, todo o cansaço físico, mental, porque não é fácil, a extensão não é fácil, todo mundo aqui sabe disso, apesar de todo um trabalho, mas parece quando sai de lá, sai renovado, assim, pelo eu me sinto dessa forma, todas as relações de afeto, você ganhar um desenho de uma criança com seu nome, você ser chamada de tia, dizer que ela gosta muito de você, que vai sentir saudades, acho que isso não tem preço, assim, isso foi, ta sendo muito incrível todas essas experiências, assim na comunidade.

Marcos: eu também tenho essa sensação de paz, porque quando você sai do ambiente aqui da UNILAB, né? que são prédios, é, gigantesco que as pessoas estão sempre correndo e a gente chega lá, a sensação é de que vivenciando aquela, aquelas atitudes, aquelas tarefas, que a gente ver nas nossas cidades, né? eu particularmente venha de uma cidade que não é grande e que indo cada vez mais para o interior, você vivencia aquilo de chegar e ter uma cerca com várias roupas estendidas, de ter uma mãe ali gritando pelo o filho, e ai essa sensação de casa, em dado momento essa sensação de casa, mas da mesma forma como são idas pontuais, a gente não tem como nos sentir, né? é parte, grande, e ai isso leva uma hora ou outra eu ter a sensação de que eu sou um intermediario, eu tenha de que eu sou intermediário pra um abraço, pra um reflexão, como as vezes a gente leva atividades para crianças e elas ficam mais reflexivas, como foi a última a respeito do Funk e esse carinho vindo de uma pessoa externa também é, eu paro e penso que isso seja bom porque eu ainda continuo achando bom, sei lá, uma pessoa externa do meu círculo, é, diario, vir me abraçar e eu poder ter um vínculo com essa pessoa. É uma sensação boa, e ai chego lá e vivencio isso, eu acredito também seja bom para elas, assim como é pra mim. E aí mas sempre com medo de não ter as atitudes de, dessa extensão assistencialista, então continua com esse pé de as atividades que levamos, se elas, se elas são, é levadas pra como assistências, porque era muito do que eu via pelas fotos, ficava "poxa um grupo que faz isso, isso e isso em tal lugar que bacana" e agora desde que eu entrei que via os meninos né? fazendo as primeiras reuniões para pensar nas atividades, eu vi que muito, tudo se parte de lá, eu acho, a primeira coisa também que eu achei bem interessante, de saber "ah! as crianças querem isso, o que as crianças querem? elas querem que atividade? querem que a gente leve o que?" também então eu sinto que a gente uma atividade da comunidade e por isso a gente foge da ideia de assistência, por partir deles, é, se fosse alguns meses anteriores eu não falaria que estava confortável, mas agora to me sentindo confortável na realização das atividades, eu acho

que já gera um conforto por saber disso, parte deles e que a gente tá sempre indo lá nas atividades mesmo pontuais recebendo esses, recebendo esses olhares, por isso pensando na proximidade com os pais, mas também recebe muito carinho.

Entrevistador: percebi que vocês tem, como vocês já falaram, né? um olhar assistencialista, de lazer, que tem sobre essas atividade socioeducativa, né? desse proposito que vocês tem né? o propósito que eu vejo, é atividade socioeducativo mais que vocês percebem que ela pega um viés mais forte, né? seja na área da assistencial, seja na área do lazer mesmo, então queria saber se vocês queriam complementar, né para ver né? Como é que vocês percebem? Quem falou se quer repetir, trazer essa percepção das suas próprias atividades socioeducativas e até mesmo como são elas são realizadas, por caracterizar em uma área de lazer, assistencial,

Rebeca: acho que as atividades, ela, como você falou a gente tenta pegar o máximo das demandas deles e as atividades, ela em si, eu sempre senti que a gente podia melhorar alguma coisa, não que a gente não tivesse nosso melhor. Mas que a gente podia fazer um pouquinho mais, na questão de aprendizado, como a questão teórica, que faltava para prática e o local, não ter um local específico, local bom para fazer atividade, faz com ficasse mais complicado aquela atividade que deveria ter uma assistência melhor. Então, a falta de cadeira, as vezes, a falta de alguma coisa que a gente poderia pudesse utilizar (...) nos prejudicava enquanto a atividade. Atividade em si, eu acho que a gente conseguiu com ela uma coisa muito boa que a questão do afeto, ligar as crianças a gente, fazer com que o nosso corpo fosse aceito na comunidade, até por pessoas que não são bem daquela rua, tem pessoas que não sou daquela rua, mas nos se conhece. A gente passa "oi", o próprio nego, ele passa e é simpático (...) então ele, então atividade em si, ela, ela faz muito isso, essa questão do afeto, mas na prática em si, eu acho que, a gente ainda precisa dividir as crianças, em idades, porque também é algo nos prejudica ,ter crianças de várias idades, a gente tentando fazer uma atividade para motivar uma atividade mais reflexiva com crianças de 2 anos, é muito complicado. A questão, Às vezes, do papel, a gente tá muito ligada a questão do Papel sempre botando ele como um plano fundamental enquanto atividade, aí, as vezes, falta outras coisas coisas para poder também levar que eu acho que a gente também peca nessa outra parte como pintura tem muitas crianças talentosas, cantam, tem criança também que canta, a dança também ela é utilizado muito como instrumento de eventos, mas eu acho que daria da gente utilizar ele como, como momento de atividade, eu acho mais ou menos isso

Entrevistador: então, é... Vocês falaram né sobre essas questões eu queria saber né você falando das crianças e tal, e que de muitas vezes, vindo de um contexto que não tem tanto acesso. Então eu queria saber qual que é a pobreza para vocês, né? Você que já perguntei isso né, mas é bom fazer essa reflexão novamente, pra ver como é que tá as nossas percepções, né? se mudou alguma coisa ou se tem alguma coisa acrescentar ou se enfim (...) Vocês não precisam trazer o conceito em si, o que vocês estiver na cabeça de vocês, falem né? porque as vezes não liga, não consegue ligar, falar o conceito, mas consegue dar exemplos, consegue, enfim, falar coisas que se encaixam no conceito, mas não diz o conceito, isso passa por todas as etapas, desde criança, até a gente idoso, a gente sempre usa dessa artimanha, não sei qual o conceito, mas eu sei falar sobre.

Jose: Assim, o conceito em si, eu nunca parei pra pesquisar em si, mas a gente vê que na atual conjuntura socioeconômica do Brasil, ela tá se perpetuando e está chegando voltando a ser extrema pobreza, que isso tipo, por exemplo, como reforma de Previdência, Trabalhista, a gente que a informalidade, a falta de carteira assinada, continua, né? não sei se conseguindo chegar no que eu quero dizer, mas tá tentando, que essa informalidade e também é interseccional, essa questão da pobreza, porque você não é apenas pobre, você é pobre, negro, tem vários marcadores sociais, que entram nessa questão e eu vejo que o governo não ajuda (risos) atual. Tipo, ele tá tentando uma forma de perpetuar, dá uma continuidade a existência da pobreza, né? e a gente ver que ele tenta aumentar bolsa família, essas coisas, mas só pra, pensando no futuro e manter votos e enfim, se manter no poder e eu vejo que esse sistema está perpetuando a pobreza. Tipo, não vai, os órgãos municipais não vão atrás de tentar suavizar, a cotidiano.

Rebeca: a questão da pobreza também faz com que o indivíduo, que se encontra nessa situação, passa por diversos preconceitos, estigmas e determinados outros fatores. Eu acho, que a coisa mais prejudicial é a questão que não é dada tanta importância como devido a questão da pobreza, são indivíduos que tem uma renda muito baixa, que não consegue ter, vamos dizer, o mínimo para poder para sobrevivência necessária, isso faz com que o dinheiro que se tem, seja vinculado a questão dos alimentos, enquanto são pessoas afetadas também por a questão de esgoto, de doenças. Então enquanto o pouco dinheiro se tem é gastado com alimentos, falta a questão de ter dinheiro para gastar com os remédios, o que perpetua a questão de doenças que são pessoas que geralmente, muitas pessoas são negras, mas também tem a questão de pessoas brancas... não é não é só de uma cor e são pessoas totalmente discriminadas pelo órgão civil, até polícia bate, bate não, como é? desrespeita a pessoa por ser pobre, aonde esse respeito pela pessoa pobre, não é nenhum, então se eu pudesse, definir a questão da pobreza, definiria como pessoas que estão em situação prejudicial à Vida, que são totalmente negligenciada pelo Estado. Então, vivendo essa vulnerabilidade, muitas vezes sem nem saber seus direitos, porque acesso a educação, o básico que deveria ter

Jose: e a questão que a Rebeca comentou sobre os alimentos, enfim, questão de sobrevivência com o dinheiro que recebe, com o pouco dinheiro que recebe, se você notar a notinha, eu nunca parei pra ler, eu fui ler esses dias e tem, tipo, imposto municipal, estadual e Federal e por isso entro na questão de que não estão recebendo o mínimo de, é... bem estar social, mas estão pagando impostos pra receber o mínimo que não estão recebendo,

Rebeca: e ainda tão botado slogan para poder naturalizar essas condições como "você tem que ser feliz com o que tem, deus fica feliz" essas coisas, esse slogan que faz com você naturaliza a questão da pobreza e não queira sair daquilo.

Ruth: como tem tipo assim, você agora, você pode virar empreendedor. Agora, tipo no Jornal Nacional é chique cozinhar em fogão de lenha, gente, "nunca usei o fogão a lenha e o gás tá caro, né? vai ser muito Bonito". Então tipo assim, a uma maquiagem para disfarçar a pobreza, assim, um reboco tão grande, pra disfarçar a pobreza e suas questões que muito do ser pobre, ele se vendo naquele ambiente, se vendo naquilo que está passando, ele começa a fazer

estratégia de sobrevivência, tipo assim, que é quem é que faz estratégias de sobrevivência, o rico faz estratégia de sobrevivência? a pessoa que é pouco, menos alguém que está na miséria, faz estratégia de sobrevivência? Tipo assim, muitas pessoas fazem, as pessoas pobres tem estratégias de sobrevivência, mesmo que seja tipo assim, "Não, vou mandar meu filho vai ter que ir agora para casa de uma outra família que eu conheço porque lá vai ter comida para ele" acontece muitas, muitos lugares, então é tipo assim, você vai fazer estratégias, pra fugir dessa pobreza, dessa fome, dessa miséria.

Rebeca: Além de tratar essa questão da pobreza, a gente muitas vezes, até quem estuda a questão da pobreza, coloca a questão do pobre como uma pessoa que falta consciência, quando a gente diz "a vamos ter que levar determinada coisa pra pessoa refletir" ela pode refletir, da maneira dela, ou seja, a gente as vezes tira a consciência da pessoa pobre porque diz "a não tem acesso à educação, então não tem acesso a educação não tem reflexão sobre determinada coisa, então não sabe o que é cultura" a própria cultura, as músicas, digamos, que toca na nas Comunidades a gente diz " que é uma coisa que não pertence à cultura, é algo machista, é isso/aquilo" mas sabia que a pessoa pode saber que aquilo é algo que não é bom, mas não saber denominar não quer dizer que ela não tem o conhecimento que aquilo não é bom, aquilo pode ter uma... pode ser colocado como algo que não seria muito legal de se ouvir, digamos só isso, isso é um tipo de consciência, então a gente até denomina esse tipo de consciência por, pelo conhecimento que a gente se diz certa, a consciência que é ocidental, que é empregado na universidades.

Marcos: eu vejo as coisas como... não sei se é essa concepção, né assim? as coisas são sempre construídas dentro de uma dicotomia, né? sempre criado pontos pra legitimar uns e deslegitimar outros, e aí para fazer bem e mal sempre. Então eu vejo a pobreza como uma posição, na qual, determinado grupo de pessoas foi posicionado pra estar, pra legitimar um determinado grupo de pessoas, então pra existirem os ricos foi criado os pobres, é uma posição a qual é colocada a pessoa empobrecida, porque ela é empobrecida justamente porque precisasse de alguém para ficar na base, pra pagar esses impostos (interrupção de outro membro) pra deixar esse, esse grupo que se mantém na posição rico, na posição de rico. E aí essas pessoas elas são empobrecidas e elas recebem, é... desse/dessa camada superior, inúmeras formas, inúmeras mensagens pra elas se sentirem bem naquela posição na qual elas estão, pra elas não procurarem meios e saídas pra, pra aquela posição, né? Então quando isso é forçado, porque tipo, se uma pessoa pobre entra numa universidade, como é meu caso, e é, e isso é um grande, uma grande força contra a maré, então essa, essa outra camada, né? essa camada rica vai procurar inúmeras formas de, de me tirar daqui ou né? de é... de fazer com que eu sinta cada vez mais forte a pressão de ser e de estar nessa posição de empobrecido. E aí, tem essa presença do Estado, né? principalmente desse governo a qual estamos, porque são coisas, que mantém as pessoas né? na posição de empobrecido, porque elas não querem perder a sua posição de ricos e fazem tantas coisas absurdas que vão de maquiagem, com faça economia, sendo que a pessoa não tem dinheiro pra sobreviver no dia a dia, pra fazer economia com que? 5 centavos? 5 centavos guardado, ai dar para fazer uma poupança, né, Milionária? Ou ficam glamourizando a pobreza e trazendo desde desses artefatos, né? as técnicas de sobrevivência de um pobre, as pessoas empobrecidas elas tem uma criatividade, é fato, pra sobreviver a pessoa precisa ter criatividade, e aí a outra camada ela sempre procura essas estratégias de manter as pessoas empobrecidas nem que seja

roubando, o que é elas, essas pessoas empobrecidas fazem no dia a dia, como usar o fogão de lenha, pra glamourizar, mas pra manter você na mesma posição, então ser pobre estar numa posição.

Entrevistador: então é legitimar a pobreza, né? A meios de como você ser pobre e continuar vivendo bem bem, essas manchetes ainda continua perpetuar a pobreza, é a famosa glamourização da pobreza, agora virou moda agora, agora virou chique ser pobre

Maisa: eu acho isso um absurdo, né? toda essa maquiagem que o desgoverno atual ta fazendo em relação a isso, assim, a gente percebe, é nítido desde o começo que um desgoverno, que favorece os ricos desde sempre. É cada, os ricos, menos pessoas vivendo mais ricos e muitas pessoas estão vivendo mais pobres, é um absurdo, a situação está cada vez mais crítica, ou seja.

Entrevistador: a concentração de renda ta ai né?

Jose: é aquela coisa, relação de poder e manter o status quo

Ruth: é igual a musiquinha "e o de sobe cima, sobe e o de baixo, desce"

Entrevistador: Então, né? Pegando um gancho na fala da Ruth ou da Rebeca, que ela falou da sobre a educação de pessoas pobres, né? que a gente costuma dizer que essa pessoa não tem inteligência, não tem, não tem só pela condição de vida dela, ela é vista como uma pessoa que ela, ela é privada de tudo, assim como se ela não tivesse consciências ou não tivesse, enfim, um cognitivo pra pensar o que está em volta, né? e pensando nisso, como é que vocês veem esse trabalho com crianças, você falou numa perspectiva de adulto, né? agora lanço para o grupo, como vocês veem essa questão de Educar, de levar o trabalho de vocês para as crianças, que estão em situação de pobreza que são pobres mesmo, como vocês pegam esse gancho? porque vocês falaram que vocês tentam atender, né? as demandas das crianças né? Mas pensando nessa criança pobre, como é isso, como se dá esse processo né? esse refletir dessa criança, eu vi pela questão do adulto, mas agora a partir da criança, né? que é pobre e ela já desde cedo já tá sofrendo estigmas, já tá sofrendo preconceito, desde quando ela nasceu, né? porque já começa daí né? Já começa dentro do hospital, já começa dentro do pré natal ali, a pessoa vai e ela já começa, né? ai já vai sendo bombardeado desde quando ela já tá se formando e principalmente quando ela nasce. Aí como é que vocês pensam a prática com essas crianças crianças? e assim, né? vou lançar uma outra, né? se vocês quiserem né? me dizer o que é essa socioeducação da reapodere né? porque vi vocês falando que não chegou ao patamar do foi trabalhado na capacitação e formação. Então como é que vocês classificariam essa roupagem da reapodere, né? a partir da extensão, que vocês já falaram, como é que vocês pensam? Como conceito de vocês.

Rebeca: a questão das atividades com as crianças, eu acho que primeiramente como já foi dito, a gente pensa a partir do que vê, com o que acontece com as crianças, a qual é o público? que a gente tem que tem um cabelo cacheado, tem cabelo crespo, a são crianças crianças que estão sofrendo determinado de gênero, até de sexualidade como já aconteceu, ou seja, a partir dessas

coisas que a gente pega a parte da nossa percepção, gente tenta pensar atividades para poder colocar em prática. Muitas vezes, como falta, a gente não tá ali sempre, como uma escola, a escola está pelo menos cinco dias na semana, a gente tá um a dois dias, 2 horas, 4 horas no máximo na semana. Então naquele tempo a gente tem que levar alguma coisa para pensar ali com elas e ver o que é que dá, porque acaba. Então, né? isso, a gente percebe, pelo menos eu percebo muito, que o que ela tem de conhecimento é muito partir dos adultos, elas vêem alguma coisa com adultos e elas produzem desde pequenininha, a menor saber falar sobre a questão da polícia, a maiorzinha sabe falar sobre outras questões e isso vai a partir da idade que a criança vai crescendo e a questão da socioeducação, eu... vou refletir um pouco mais, depois eu falo

Entrevistador: Não é que você pegar aqueles conceitos que a gente trabalhou né? Mas pegando esses conceito, que a gente trabalhou e que vocês vivenciam como é que você descreveria essa socioeducação de vocês, que é de vocês né? a a atuação de vocês, aquele lá como a gente viu né? está na área da Assistência Social, proteção social mais educação, então isso já é um outros quinhentos, isso é da Assistência Social. é lá do SUAS, e a gente está trazendo agora, querendo ou não, estamos está trazendo uma outra roupagem para cá dentro da universidade. Então como é que vocês classificariam, descreveriam essas atividades socioeducativas de vocês.

Rebeca: eu acho que a nossa socioeducação, lembrando o que tu trouxe na formação que é ligado com escola com outros fatores, a gente é muito meio que a gente, tem as parcerias para poder colaborar nessas atividades, mas a maioria do tempo é a gente como extensionista, a partir das nossas formações que é interdisciplinar e a partir do nosso olhar do que a gente aprende em sala, das discussões que tido aqui na UNILAB, que a gente tenta trazer, fazer essas discussões e a partir daí trazendo essa perspectiva socioeducativa para elas, a partir das atividades que a gente percebeu que era mais eficaz, chegava mais a elas, que a questão de pinturas, de brincadeiras, que elas mesmo falavam, mas a gente tentando fazer da melhor forma para poder ainda fazer uma pequena discussão sobre brincadeiras antigas, sobre outras formas

Jose: Assim, voltando para pergunta em si, tipo, qual é o nosso tipo de socioeducação? a gente adaptou, pelo o que eu consegui ver, pelo o tempo que estou ali na rede e conforme a gente foi vendo na capacitação, que, a gente atua de forma diferente, do realmente é a socioeducação a partir dos autores, enfim, dos conceitos, a gente prática diferente, a gente tentou adaptar pra realidade, porque mesmo pegando essa questão do pouco assistencialista e de lazer, como botado anteriormente, a gente adaptou pras demandas que a comunidade trás e as crianças tinham, como a Rebeca falou, sobre cabelo, sexualidade, raça, cor, enfim, a gente tenta trazer é... da melhor forma que a gente pode está tentando trazer, né? está fazendo extensão da melhor forma que a gente pode e eu caracterizo isso como adaptação, porque a partir da capacitação a gente está tentando seguir um outro rumo a partir do próximo semestre né? tenta se planejar de forma diferente, enfim, mas eu vejo como é, uma adaptação da socioeducação, não socioeducação em si, como foi comentado, mas a gente está tentando chegar lá.

Marcos: Eu tbm, eu acho que o Jose falou muito bem e a Rebeca também, de que se socioeducação pretende é... desenvolver o protagonismo, a gente de da é... dá não, mas desenvolver esse protagonismo e desenvolver esses novos olhares de dizer "olha aqui tem um

desvio que te leva a um outro caminho do que essa realidade" a gente também produz uma coisa que eu acho fundamental, que já foi falado muito dentro da ideia de sentimentos e emoções, que é essa capacidade de fortalecimento das emoções, eu acho que além do protagonismo que a gente consegue desenvolver dentro das atividades, a gente consegue desenvolver um fortalecimento das emoções e eu acho fundamental, porque esse espelho que a criança tem de o adulto sempre, ela vai tendo isso de... de se espelhar numa pessoa mais velha e que faz determinadas atividades que ela reproduzir, mas eu me pergunto "e quando ela chega nesse patamar? Se ela vai ter essa força emocional para dizer, olha eu consigo hoje desenvolver isso, mas não desenvolvo bem, desenvolvo mais ou menos e aí desenvolve ansiedade e tantas outras coisas. Eu acho que a gente consegue ter essa ideia do protagonismo e atrelado no fortalecimento da emoção pra criança

Jose: Além dessa questão, voltando aqui o que estava falando e também pegando gancho do Z, tipo a gente tenta potencializar coisas que estão lá na comunidade, que gente vê que tem o potencial de protagonismo da criança, atividades por exemplo, como o balé, a dança, o funk, a capoeira, krav maga, a gente tenta potencializar coisas e fazer com as crianças gastem energia de uma forma que a gente vê pode ser, de frutos positivos, mesmo negativos, mas a gente tenta analisar essa questão e desenvolver para potencializar e dá protagonismo, não que elas já não tenham, mas tenta reforçar essa questão

Ruth: eu acho que tipo assim, um ponto que tem na educação, mas eu não lembro exatamente onde estava lá o pontinho (risos), mas é, é muito de falar da pessoa se ver na situação de se enxergar lá e de se ver como você e trabalhar isso também, tipo assim, algumas atividades da gente, que a gente faz na comunidade são levadas para isso, a questão do funk, a gente queria que elas olhassem e percebessem que tipo de música vocês dançam e se olhar dentro daquela letra, dentro daquela música, daquele ritmo daquela batida, a gente trabalhou a questão que foi questão de cor, levamos um filme para elas se desenharem depois, desenharem que são as pessoas em volta delas e elas desenharam, elas tiveram, foram lá e desenharam, "não, eu sou negra" "não, eu sou branca" e foram lá se desenharam de várias cores, até mesmo a pequeninha desenharam várias pessoas de várias cores, chegou até ela, essa questão também, e ela pensou também sobre isso, então a gente tem, a gente trabalha essa questão delas se verem, não é tanto, mas questão de família para olhar a família delas, a família de outras pessoas e pensar sobre questão de família, sobre questão de gênero, então a gente tá trazendo essas coisas, trazendo esses pontos, que gente veio mesmo a comunidade, como o pessoal falou. a gente ver as questões da comunidade e a gente tem que trazer de alguma forma para elas, né?

Jose: lembrando que a nossa socioeducação, nosso tipo de adaptação, a gente, comentado também no seu slide, acho que foi o primeiro ou foi o segundo, da formação, que trabalhasse sempre de forma horizontal, nunca tentando destacar só uma criança, alguma coisa assim. A gente tenta trabalhar é... horizontalizado e todos juntos, não somente uma pessoa tomando a frente, ou outra coisa assim.

Maisa: o que eu acho extremamente interessante, foi logo no começo, que foi a questão (barulho) que eu acho que está ligado diretamente com socioeducação, inclusive teve uma vez,

no momento de atividade, eu falei alguma coisa e ela automaticamente que não bateu muito com que a gente ensinava nas regrinhas de educação e automaticamente "tia, não pode falar isso, olha as regrinhas", "as regrinhas de convivência". Então é muito legal vê esse reflexo, assim, de que alguma forma a gente tem deixado isso através das atividades e tudo, é muito interessante e outra coisa que queria ressaltar que eu acho que os fatores externos, a professora tinha até comentado isso comigo, que os fatores externos, pelo fato da gente ir até a comunidade ao que interfere muito nas nossas atividades, que eu acho que às vezes tem sido é assim... que o problema tenha sido esse, que ela tinha comentado também, por exemplo, ela foi comigo acompanhando de extensão, que a gente fez que era pra passar um filme, aí por exemplo, a mãe, ela tá aqui concentrada no filme, mas mãe precisa de ajuda ali dentro, aí pega e chama aí é essa falta de atenção de concentração nas atividades, eu acho que esses fatores estão interferindo muito, mas algo que vai sendo trabalhado ao longo do tempo e eu acho que ele tem conseguido alcançar, assim, nossos objetivos, mesmo que tenha sido todas as vezes, mas tem deixado muitas lições na comunidade, assim...

Entrevistador: eu to percebendo que vocês estão realmente se adaptando a um novo conceito, foi desde o início, eu percebi isso desde o nosso primeiro encontro e apesar de vocês, falei isso até no encontro, apesar de vocês não saberem o conceito em si sobre socioeducação, vocês estão trabalhando que são socioeducativas, né? pode ser não visualizem tudo né? Mas algumas coisas a gente já percebe, até mesmo na nossa conversa e olha a gente tava, tá engatinhando, a gente tá elaborando o próprio conceito sobre o que é socioeducação, pode ser que não seja que pode ser aplicado a tudo, a gente tá aqui pra refutar e problematizar mesmo, então pegando esse gancho de formação, que a gente teve, que eu queria saber, o que mudou na atuação de vocês com essa percepção antiga né? sobre a socioeducação e depois da socioeducação apresentada, como é que vocês perceberam isso, as mudanças e até mesmo o que contribuiu pra formação de vocês

Jose: eu vejo, que com a capacitação, formação, foi praticamente como abrir os olhos, tipo, a gente já fazia certas coisas que tem na socioeducação, sem saber que já era da socioeducação, a gente já trabalhava com essas questões e com a formação, a gente viu novas possibilidades e a gente tá, já tivemos duas reuniões e que foram introduzidas as coisas que vimos na formação, no caso, reuniões específicas da frente das crianças. A gente já tentou inserir na forma de planejamento, usando o plano mensal, semanal, enfim, utilizando a forma de se planejar. Estamos já tá tentando adaptar e entrar realmente, como tu falou, a gente tá engatinhando na socioeducação e a gente tá tentando aprimorar e tenta fazer melhor

Maisa: eu vejo as formações, apesar de não ter participado de todas, mas através dos relatos e das que eu tive presente, eu vejo como uma forma, eu vejo uma forma de potência assim para as nossas atividades. Acho que foi muito nesse caráter de potencializar, assim, o nosso trabalho. Tem sido muito aprendido ao longo desse tempo, acho que algo que vai ficar com certeza, questão de planejamento, de tudo, de ter essa base porque a gente precisa disso, né? Pode só chegar lá, tem que fazer atividade e tem que ter essa base, foi muito importante, assim, pra frente das Crianças, com certeza



Jose: Assim, eu não lembro todos os conceitos que vimos, creio que todo mundo não lembra tudo, porque foi muito rápido e muito corrido e cansativo esse semestre, mas eu até te pedir pra tu me mandar os arquivos da formação pra eu fazer uma pasta e depois estudar nas férias, porque como tu falou você quer que a gente se torne formadores de futuros extensionistas, então eu não lembro tudo, mas vou estudar melhor os conceitos bem direitinho, quem sabe lembremos das referências que foram citadas e tentar mais de cabeça nisso, que eu vou ter um tempo agora nesse semestre

Marcos: se tivesse um joguinho de palavras "ah escolha uma palavra que define a formação, a ideia de socioeducação" acho que seria muito potencial mesmo, porque a gente vem, vem vendo que a construção do plano, isso na minha percepção, eu acredito e nas dos demais também, que o plano de atividade, né? e a ideia de pensar sobre o nosso objetivo, diante do que as crianças estão trazendo retorno no final da atividade, se isso é alcançado ou não, eu acho que são estratégias que são, são formas de realizar atividades muito mais potentes, muito mais eficientes, né? De se ficar, de se gravar a ideia de construir um plano em que vai tratar de um modulo, de um tema, eu acho isso fixa melhor.

Jose: e entrando na tua fala, desculpa, é... autonomiza, tipo, você já tem foco da, tipo, se for pra reunião, você que vai ter que planejar "isso, isso e isso", de tal forma, estipular tanto de tempo, enfim, isso eu já que pra gente que corre, que ta correndo, daqui a gente vai já formar de novo é... eu vejo automação vai fazer de forma mais prática, rápida e vai ter um foco. Porque tipo, a gente planejava, tipo, atividade de lazer de forma aleatória pra tentar suprir aquele horário né?

Rebeca: em comparação as atividades, em comparação como era antes e como ficou depois, eu acho que a folha que tu deu em si, ela é, foi muito necessária porque a gente fazia o planejamento e ia pro Dropbox, primeiro que a gente cometia muito em vários semestre seguidos, a temática a gente já pensava, em alguns momentos, já tinha uma questão da temática, então trabalhava, mas não pensava em questão de quanto tempo vai levar tal coisa e a gente pensava as etapas "a gente vai ter isso, depois vai ter isso, depois vai ter isso e vai terminar com isso", mas quanto tempo vai demorar cada passo, faltava um pouco mais isso, pensar quanto tempo. E essa coisa que você trouxe, eu acho que foi, é bem fundamental para pensar mesmo socioeducação, o que que a gente quer enquanto extensionista, o que a gente quer que as crianças alcance enquanto objetivo daquela atividade, eu acho que foi a chave principal pra poder, da formação, que eu nunca pensei "a criança realmente conseguiu alcançar? era isso que a gente queria enquanto objetivo para elas?" eu acho que pensava o que a gente queria enquanto extensionista, faltava o pensar o que elas tem que alcançar, o que a gente gostaria que elas alcançassem, eu acho que a formação nesse ponto foi essencial.

Entrevistador: Alguém mais quer acrescentar? Então é... tinha uma pergunta aqui, mas acho que a gente já respondeu, né? que era diferença das atividades desenvolvidas na capacitação, aquelas apresentação, né? que tipo de atividades com relação as atividades da reapoder, eu acho que no decorrer da conversa a já sanou essa dúvida, né? vocês já trouxeram esse paralelo, ai eu queria se saiu algum produto que foi pensado a partir da formação, conseguiram pensar em alguma

coisa extra que a gente não pensou lá? Vai seguir para as outras formações ou para os outros grupos, ou para outras entradas?

Jose: eu achei que foi bem completo! então você escolheu bem as questões apresentadas, eu acho que foi muito completo,

Entrevistador: eu to falando, tipo, a partir daquilo tudo né? daqueles saberes compartilhados, aquela nossa conversa vocês sentarem e pensaram "a gente pode fazer isso" a partir dos insight que a gente teve lá "a eu pensei nisso", então, vamos vamos pensar, vamos elaborar, vamos projetar, vamos esquematizar

Marcos: Não, acontece é... como tinha dito agora né? a gente tava produzindo, a ideia da organização por módulos, né? tem o meio ambiente e os outros e a nossa, nossa atividade, no momento da organização, teve isso também, né? da gente ver "a isso aqui se encaixa em que assunto? em que questão?" eu acho que, que é uma, uma raiz da formação, esse planejamento que a gente vai ter agora no próximo semestre

Rebeca: eu acho que fica assim para ser expandido da formação, é a questão qu a gente precisa mais de formações (risos) a gente precisa, seja contigo, para continuar, seja com outros temas, outras pessoas, nos dando, nos dando formação, acho que foi pensado isso. E e outra coisa que são coisas que a gente realmente precisa estudar, para poder levar as nossas extensionistas que vão acabar entrando, talvez nesse semestre, talvez no próximo e outra coisa que foi pensado, eu acho, meio que junto com a formação, era questão do regime extensionista, que ainda está aí para ser elaborado. Eu acho que vai se casar também com a tua formação, a gente pensar o nosso objetivo enquanto extensionistas, coisinhas que a gente precisa pensar sobre nossa atuação para poder ficar até para novas extensionistas.

Carlo: e usar como pilar, fazendo sempre, tem a constituição? a nossa constituição, como extensionista, eu acho, porque as vezes, pelo menos eu, eu entrei sem conhecer o que era extensão, eu já tava o que? eu entrei em 2019.1 foi? foi! eu já tava o quinta ou era quarto semestre e eu, na universidade, inserido, eu já ouvi várias coisas sobre extensão, mas eu não sabia o que era extensão em si, você só vivenciava aos produtos que a extensão produzia, por exemplo, palestra, coisas que você era produto da extensão, eu não sabia o que era extensão, e foi aqui, tipo, eu vim colocar os pés no chão e conhecer realmente como funciona o ambiente da academia e como funciona os três pilares da academia. A extensão, ensino e a pesquisa, que eu to tendo realmente noção de como funciona as coisas e se eu realmente quero estar nesse ambiente, com quem sabe futuramente como professor universitário e daí vai.

Entrevistador: eu vi mais assim, seria como fosse, um projeto político pedagógico de uma escola, regime escolar?

Jose: eu creio que seja essa é a ideia, ser um regime a ser seguido e estudado e ter có na cabeça que o extensionista tem que trabalhar, pelo menos na reapodere, tipo, a extensão que a gente

prática e da forma que está tentando é... quebrar esses paradigmas, tentar mostrar, tipo então "a gente não faz esse tipo de coisa, a gente faz isso"

Rebeca: é algo também que ajude os novos extensionistas, porque uma coisa que foi analisada, é que, fica direto entrando novos extensionistas na frente das crianças, às vezes não se mantém a maioria, aí os que já tão ali há algum tempo vão ter que falar certas coisas, aí ali ocupado mais um tempo a gente acaba perdendo um pouco do foco ali numa atividade já deveria ter iniciado para poder adaptar melhor as pessoas. Então com o Estatuto ou regime com alguma coisa com que o pessoal possa ler, talvez possa ter uma noção melhor sobre a atividade, já conseguir entrar em campo com o melhor performance

Jose: e o interessante é que a gente explica tudo direitinho na seleção e as pessoas, tipo, não tem noção ainda do que é e como vai ser trabalhado, só pensa que é aquela coisa bonitinha do instagram (risos) fotos, não tem noção (...) a pessoa sai e não é atoa que tinha aquela planta né? aqui, então né? detalhes, entra nos altos.

Marcos: vai ser um amontoado de pontos que vão alcançar suas metas

Jose: e eu acho a gente vai retornar com grupo de estudos sobre extensão, então isso vai nos ajudar bastante pra gente criar noção e ter uma visão da história da extensão e como a extensão e pensar também a questão do futuro da extensão, que eu acho interessante pensar

Gabriel: eu achei muito parecida com o projeto político pedagógico, porque lá tem os objetivos, tem a missão, tem a visão, tem os valores, tem todas essas características, né? por isso eu achei muito interessante e que queria abordar novamente para ver se realmente tá sendo um plano que ia ser, é um plano a ser pensado dentro da frente das crianças, dentro da socioeducação, dentro da extensão. Então é... como a última pergunta para a gente finalizar, pra gente esse ciclo, eu queria saber o quê vocês acham dessas atividades serem aplicadas na escola? e como seria essa aplicação? vocês acham que se enquadraria com o pouco que vocês trabalha lá e tal, e se vocês fossem levar para a escola como seria isso, se enquadraria no âmbito escolar?

Jose: Entrando nessa questão, eu vim ter essa noção socioeducação com disciplina secundária no fundamental 1, no ensino médio, que foi formação para cidadania, que era o diretor de turma que dava na época e a gente via o que a gente tava, agora que você parou para falar isso, eu não tinha associado, mas eu vi pouco dessas questões socioeducação, de formação para cidadania nessa disciplina, que tipo, não era totalmente voltada e na minha época, enfim, era forma adaptada, mas tratava sobre questões socioeducação no meio, que eu vi, teve esse insight agora, eu acho interessante, eu acho que talvez seja muito bom, no caso, você tá falando das séries iniciais? ou no questão geral?

Entrevistador: é, to falando no contexto geral, é! as atividades de vocês vinculadas a escola, se vocês acham que seriam, que se enquadrariam como fim pedagógico, se seria, se poderia ser aplicadas dentro da escola e como vocês poderiam aplicar, né? como vocês abordariam esses assuntos lá dentro

Rebeca: eu acho super que daria pra aplicar, até porque as vezes a gente prende muito ao livro didático e entender a realidade, porque as nossas atividades passa dessa tentativa de entender a realidade deles. Então entender a realidade do aluno se faz com que a o professor chegue mais perto daquele aluno, entenda as suas dificuldades, suas habilidades, suas possibilidades de aprendizado, além do que se encontra no livro didático, eu acho que adaptação a partir do, da conversa, com o aluno, porque não tem condição de eu acho, de dizer "a daria para fazer tão de tal forma sem entender quem são esses alunos primeiramente" e entender a idade, da onde eles vem, quais, o que é que eles conhecem, o que eles desconhecem para poder, levantar as demandas, pra poder pensar que atividades, como adaptar essas, esses temas, mas eu acho questão da família, as vezes, a escola só chama a família em determinado momento e esquece que a família tá ali, ta rodeando a vida daquele

Jose: dependendo da escola você tem outra família né? você cria outros vínculos, você afetos e daí vai.

Rebeca: atrás da família só pra, bater determinado, falar sobre determinado assunto e esquece que a família tem que tá junto, mas depois cobra dessa família participação em determinados momentos, ai fica nisso, falta o entender, eu acho, que eu acho que socioeducação daria um ajuda muito boa dessa questão entender

Marcos: eu também vejo dessa forma, é... nós clamamos tanto por uma aula dinâmica, por determinadas atividades que desperte isso, tá cada vez mais presente, né? alguma coisa que desperte aos alunos é... o interesse por tá na aula, principalmente porque a aula como a gente conhece, é algo bem antigo e que tá perdendo espaço, o formato de aula que a gente tá perdendo, tá perdendo espaço e aí eu vejo que a aplicação né? das atividades, das formações a respeito da socioeducação, elas são uma forma de trazer pra esses alunos uma aula mais dinâmica, com as atividades, deixa é, não tem ainda o conceito, né? a ideia de conceito de legitimação, de um pensamento, de uma ideia que já foi pensado a muito tempo atrás e que é necessário e também serve como base né? tanto pro desenvolvimento pessoal, quanto para esse desenvolvimento que o projeto de vida, dessa pessoa que está vivenciado, que ta ali diante dessa atividade e dessas formações socioeducativas, então é uma boa base para o desenvolvimento pessoal e atrelado ao desenvolvimento de projeto de vida

Entrevistador: alguém mais algo para acrescentar?

Marcos: seria essa a educação de Paulo Freire? (risos)

Entrevistador: alguém tem mais algo para acrescentar?

Jose: eu acho que você falou tudo

Entrevistador: pois pronto gente! é encerro esse grupo às 15 da tarde 48 minutos, nos campus dos Palmares em Acarape no dia 5 de fevereiro de 2020.